



CURITIBA

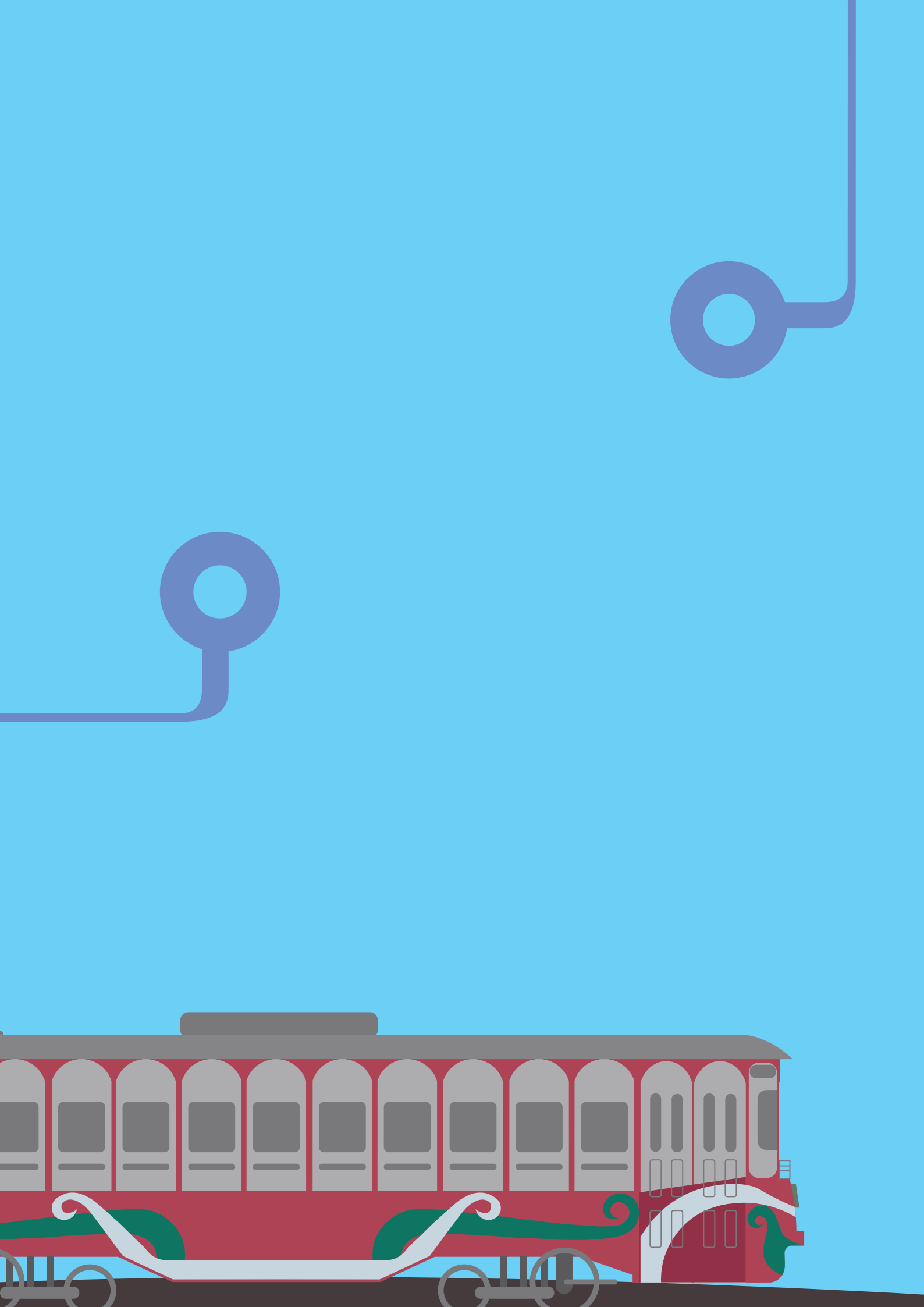
Boas Práticas

SME



Secretaria Municipal da Educação
Programa Linhas do Conhecimento

2024



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA

Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA

Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES

Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS
INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS

Guilherme Furiatti Dantas

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS

Margarete Rodrigues de Lima

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL

Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Estela Endlich

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL
ESPECIALIZADO

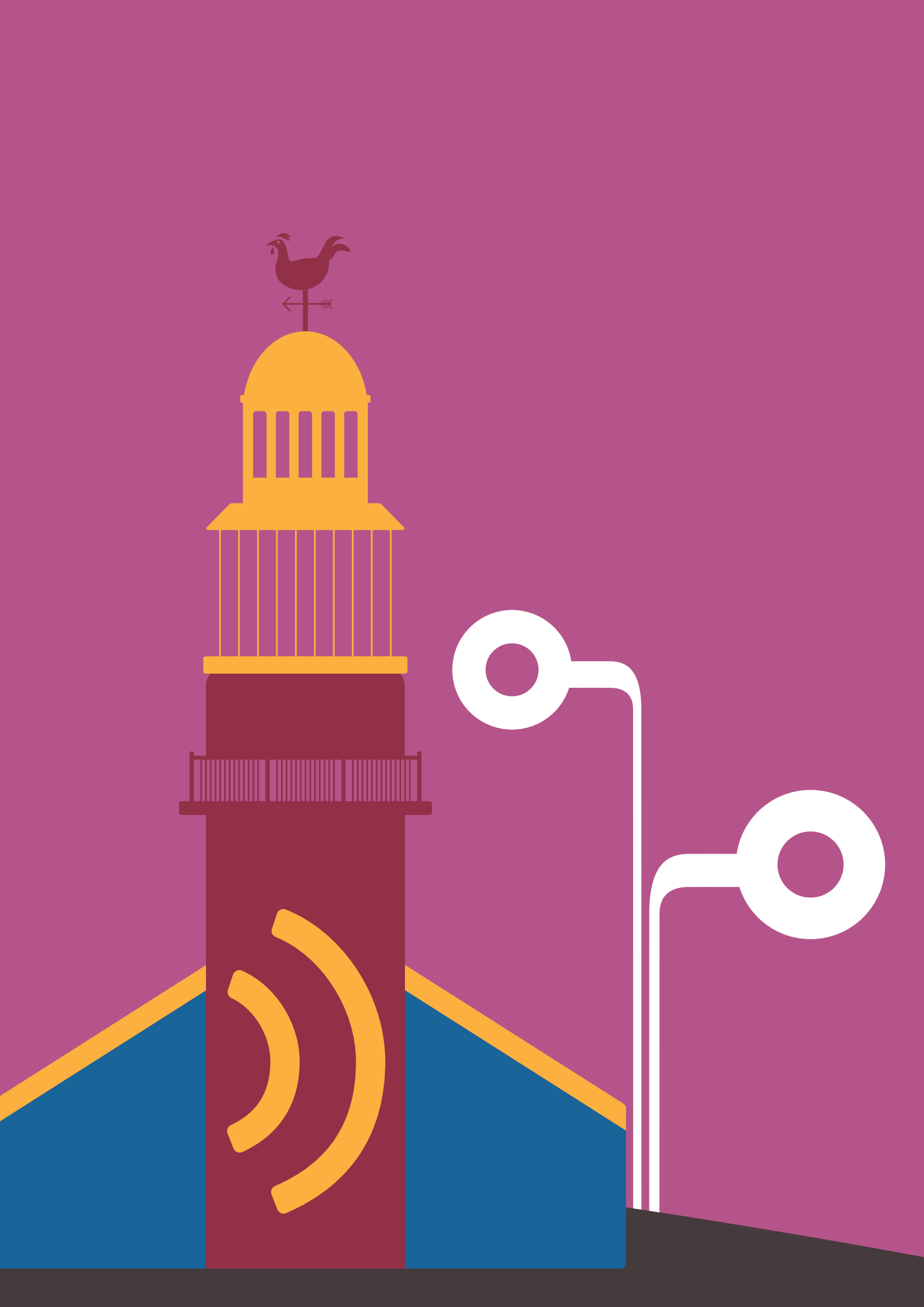
Liliamar Hoça

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIAS E REDE DE PROTEÇÃO

Sandra Mara Piotto

COORDENADORIA DE PROJETOS

Andréa Barletta Brahim



Carta da Secretária

É com grande entusiasmo que apresentamos o Caderno de Boas Práticas, uma compilação dedicada às ações exemplares do Programa Linhas do Conhecimento. Neste documento, não só repousam simples registros, mas testemunhos vivos do compromisso incansável de todos os envolvidos em tecer a excelência, a inovação e o impacto positivo em nossas iniciativas.

Nas páginas a seguir, desdobram-se relatos inspiradores de professoras e professores, ecoando as experiências de estudantes, crianças e equipes que abraçaram a missão do Linhas do Conhecimento. Cada prática destaca a capacidade única de transformar desafios em oportunidades, de conectar ideias a ações concretas e de catalisar mudanças significativas na aprendizagem.

Este caderno não é apenas uma celebração do que foi alcançado, mas também um farol iluminando a vereda daqueles que aspiram trilhar o caminho da excelência. Ao ler estas boas práticas, convidamos você a explorar estratégias eficazes e a contribuir para o contínuo enriquecimento das ações do Programa Linhas do Conhecimento.

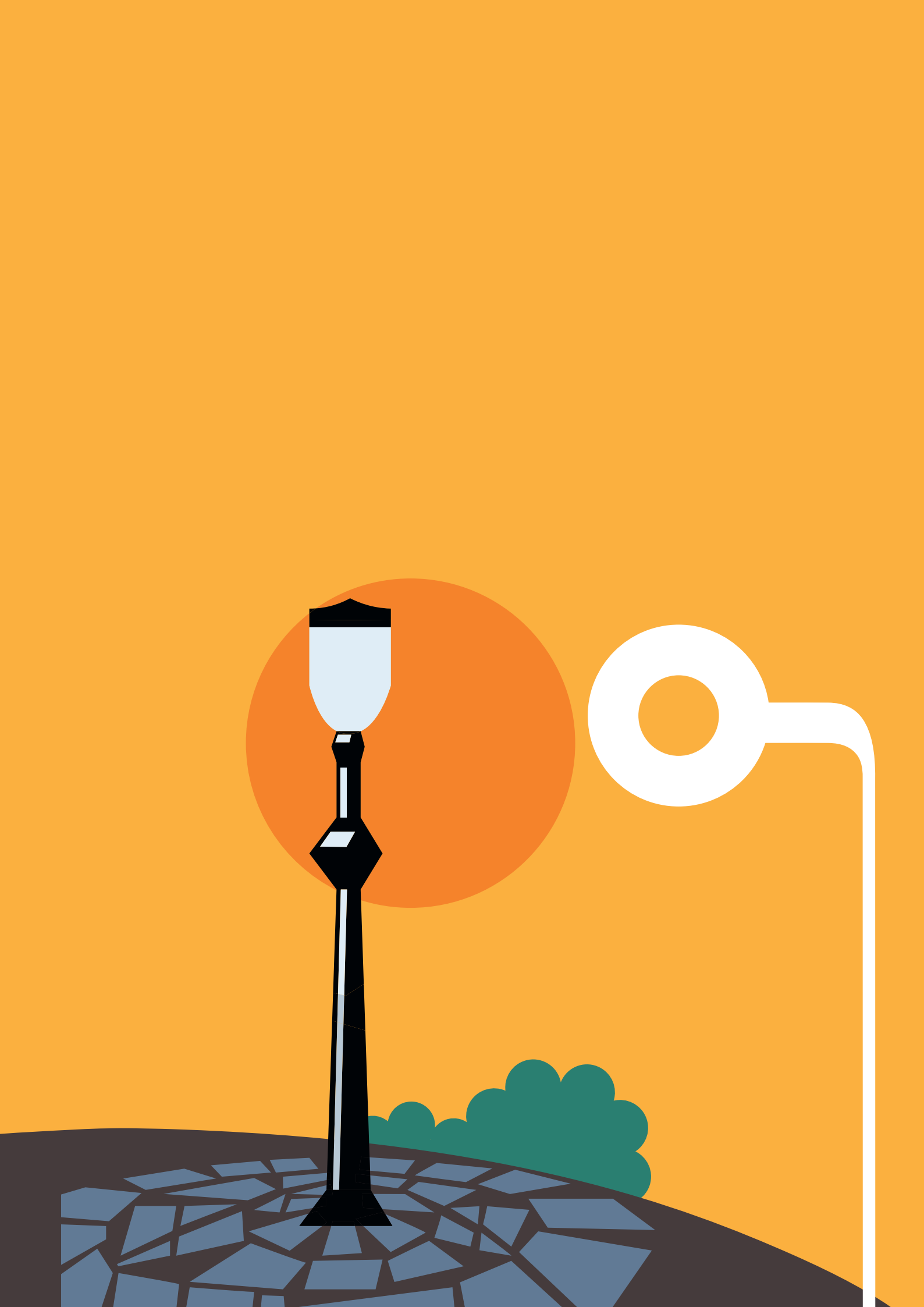
Agradecemos a todos os participantes, colaboradores e apoiadores que tornaram possível este acervo de sabedoria prática. Que esta compilação sirva de estímulo, inspirando cada um de nós a seguir em busca de uma educação de qualidade, promovendo aprimoramento na ação docente e contribuindo para uma transformação positiva em nosso meio.

Juntos, construímos linhas de conhecimento que conectam saberes e constroem um futuro de oportunidades.



Maria Sílvia Bacila

Secretária Municipal da Educação



SUMÁRIO

VAMOS CONHECER CURITIBA?	8
PROJETO FALA CURITIBINHA	11
MERCADO MUNICIPAL	16
BIBLIOTECA HIDEO HANDA	25
CONHECENDO A SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO E O GABINETE DA SECRETÁRIA	31
BAIRRO QUE BRINCA, UM QUINTAL INTENCIONANDO EXPÊRIÊNCIAS DE CONTINUIDADE E SIGNIFICATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	39
AEROCLUBE	43
O ENTORNO: FEIRA NOTURNA DO ÁGUA VERDE	49
CORREIOS	57
“NORMAM, COMEDOR DE LIVROS NO MEMORIAL”	62
PROJETO HORTA, POMAR, COMPOSTAGEM E ABELHAS NATIVAS: A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL	66





VAMOS CONHECER CURITIBA?



Vamos conhecer Curitiba?

**Nathália Cristina Bart
Roseli Melo Scomason**

CMEI Madre Elvira – NRE BQ

Este relato surge como testemunho de uma jornada empolgante na qual a sala de referência transformou-se em um cenário vibrante de descobertas, brincadeiras e aprendizado.

Em meio a risos, abraços e olhares cheios de curiosidade, a experiência com a proposta pedagógica “Vamos conhecer Curitiba” revelou-se como uma oportunidade única de construção de saberes entre professores e crianças.

Tudo começou em um momento de leitura do livro: “Passeando por Curitiba” de Ana Rapha Nunes, ilustrado por Verônica Fukuda. Na história, foi possível encontrar curiosidades sobre a cidade e seus pontos turísticos. As crianças ficaram encantadas em saber que o nome de Curitiba vem do tupi-guarani e significa: “muito pinhão”. Ainda, comentaram que gostam muito de observar as araucárias do nosso CMEI e que já encontraram pinhão no bosque e no gramado em frente à unidade.

A turma do ano anterior havia produzido um livro chamado “Vamos conhecer Curitiba”, em que ilustravam os espaços da cidade. Esse livro foi então disponibilizado para apreciação da turma do Pré II. As crianças gostaram muito de observar os desenhos e identificar alguns pontos turísticos da nossa cidade.

As professoras apresentaram o mapa de Curitiba para as crianças e também trouxeram vídeos e imagens sobre alguns pontos turísticos que podemos visitar e conhecer em nossa cidade. Ao verem a Torre Panorâmica, as crianças ficaram empolgadas com a possibilidade de poder observar melhor a nossa cidade e de conhecer o Museu do Telefone e o “Painel Torre da Telepar”, que é um mural interno projetado pelo artista curitibano Poty Lazzarotto, conforme as professoras leram sobre a descrição do local e como foi observado no vídeo e nas imagens.

Diante desse contexto, houve a iniciativa de inscrever o planejamento para a Proposta Lúdica na Torre Panorâmica por meio do Programa Linhas do Conhecimento (PLC).

Na proposta lúdica da Torre Panorâmica, as crianças tiveram a oportunidade de brincar, conviver, explorar, conhecer-se, conviver e participar nas interações.

Aproveitando os momentos para realizarem novas descobertas sobre a nossa cidade, tiveram um momento de observação e pesquisas, fazendo a exploração de um espaço diferente com muitas possibilidades de aprendizagens e investigações.

Na Torre, foi possível observar de uma forma diferenciada a cidade de Curitiba, sua arquitetura e construções.

Ao retornar para a unidade, o que fazer com tudo o que foi vivido e experienciado na Proposta Lúdica da Torre Panorâmica?

Entendendo a importância de comunicar os processos vividos, foi organizado um mural com fotos, relatos e desenhos das crianças contando sobre a Proposta Lúdica na Torre.

Figura 1: Benjamin montando torres com materiais de largo alcance



Fonte: SME (2023).

Pensando na continuidade e significatividade das experiências, iniciamos com as crianças uma pesquisa sobre os diferentes tipos de prédios, casas e arquitetura de Curitiba. No Canto de atividades diversificadas das construções, foi oportunizado às crianças um momento para exploração e criação, conforme figura 1 Também realizamos uma pesquisa sobre o artista Poty Lazzarotto.

PROJETO FALA CURITIBINHA



Projeto Fala Curitibinha

Vaniluci de Souza Ferreira

CMEI Urano – NRE BQ

No final do ano de 2022, as crianças do Pré 2 observaram que havia muito lixo ao redor do muro que cerca o campo do Clube Esportivo Urano, vizinho do CMEI. Então, trouxeram a problemática para a professora que os desafiou a pensar no que fazer para resolver a situação. As crianças sugeriram a colocação de placas com frases de conscientização para o cuidado com o espaço ali presente, pois fazia parte do trajeto para se deslocar de suas casas até o CMEI. As placas foram confeccionadas com o apoio da turma toda que saiu para instalar nas árvores próximas ao muro. Infelizmente, naquele momento não surtiu efeito.

No início do ano de 2023, com a reorganização dos ambientes internos do CMEI, a nova turma do Pré 2, que no anterior era do PRÉ I, observou a movimentação da colocação das placas pelos colegas e foi convidada pela professora Vaniluci a pensar em espaços que gostaria que fossem construídos e qualificados no CMEI. Iniciaram, então, um plano de ação que contou com as proposições das crianças por meio de registros com desenhos. Nesse tempo, surgiu a oportunidade da professora Vaniluci participar da formação Fala Curitibinha/Fala Curitibano, que incentiva a solução de problemas através de ações de cidadania. Chegando no CMEI, ela compartilhou o que aprendeu no curso com as crianças e as provocou a pensarem nos ambientes contemplados por elas no plano de ação, uma vez que os espaços mais falados pelas crianças foram a construção de uma escalada no parque, a revitalização da horta do CMEI e a limpeza do lixo do entorno do muro do campo vizinho. A partir disso, surgiu a ideia de fazer um gráfico para escolher democraticamente um dos espaços a ser qualificado com prioridade. Através dessa proposta, as crianças escolheram a revitalização do espaço na lateral do entorno do CMEI. Com o olhar atento, perceberam a necessidade de mudança, pois repararam

na sujeira ali presente, dando a percepção de que gostariam que a chegada no CMEI fosse mais agradável. Nos reunimos no grande grupo com as duas turmas do Pré 2 e todos fizeram suas considerações para mudar essa triste realidade, sugerindo limpar o local, colocar lixeiras, conscientizar os moradores, confeccionar plaquinhas e plantar flores. Após os apontamentos e soluções apresentadas pelas crianças, iniciamos o projeto.

O primeiro passo foi pensar com a equipe gestora como fazer parcerias para uma ação colaborativa que envolvesse de fato a comunidade para surtir efeitos e não cair novamente no que ocorreu no passado. Solicitamos uma reunião com o responsável pelo Clube Esportivo Urano e com o Conselho do CMEI, que ficaram surpresos com a iniciativa e se prontificaram a ajudar.

A professora se debruçou no planejamento e oportunizou vivências para as crianças sobre o tema. A partir desta ampliação do repertório da turma, registramos as soluções apontadas para a problemática apresentada e confeccionamos um folder de conscientização que foi distribuído pelas crianças no momento de entrada e saída para as famílias e na vizinhança pedindo a colaboração da comunidade. As pessoas ficaram maravilhadas e elogiaram muito a atitude das crianças. O presidente do Clube Esportivo Urano, responsável pelo campo, organizou a limpeza do espaço com a ajuda voluntária de colaboradores. Após, plantamos as flores solicitadas no Horto Municipal, mudando a estética do ambiente.

Para impulsionar essa consciência, participamos de propostas lúdicas do PLC no Jardim Botânico da cidade, na Escola Municipal de Sustentabilidade e no zoológico. As crianças tiveram contato com ambientes preservados que as sensibilizaram a observar, durante o trajeto, locais que necessitam de cuidado, além de aprofundar seus conhecimentos enriquecendo seus repertórios e, conseqüentemente, desenvolvendo aprendizagens significativas. A partir dessas vivências, foram estimuladas cognitivamente na

recepção de valores necessários para o exercício da cidadania e para a construção de experiências que possam gerar disposição formadora em contextos de interações. Além disso, contamos com a participação de propostas que contemplam os princípios éticos, propósito do ODS 15, que tem como objetivo proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

As crianças puderam conhecer locais que têm o compromisso de cuidar do meio ambiente, aprender a importância da sustentabilidade, ampliar a perspectiva da formação socioambiental cidadã, de reflexão sobre os modos de produção e de consumo, promovendo a sensibilização para o cuidado do Planeta para esta e para as futuras gerações. Além disso, elas puderam observar que a sua causa que iniciou no CMEI pode ser ampliada para um contexto maior.

Como propostas de continuidade da preservação do espaço do muro e para honrar as crianças deixando um legado, planejamos com a equipe gestora e com os parceiros uma ação colaborativa da instalação de uma calçada brincante que oportuniza às crianças e famílias se divertirem enquanto brincam num espaço modificado por elas.

Figura 2: Crianças brincando na calçada



Fonte: SME (2023).

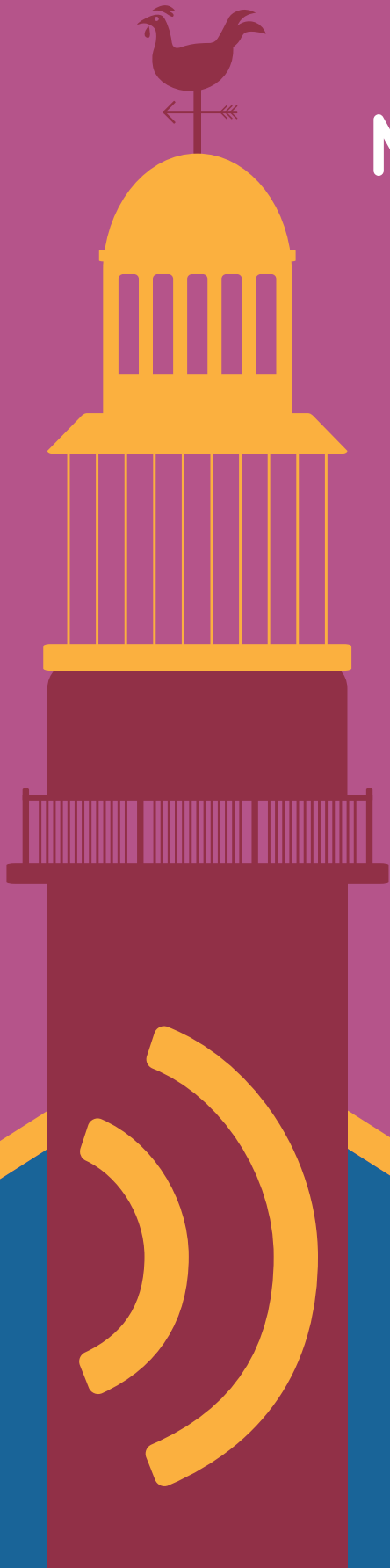
Essa iniciativa está sendo um sucesso, pois mesmo antes de ser concluída, as pessoas foram contagiadas a iniciar e concluir o percurso. As famílias que trazem as crianças no CMEI aguardam enquanto os pequenos realizam todos os desafios e até quem já passou pela fase da infância não resiste em resgatar a criança interior e se envolver na proposta.

Figuras 3 a 5: Revitalização do espaço na lateral do entorno do CMEI



Fonte: SME (2023).

MERCADO MUNICIPAL



Mercado Municipal

**Andreia Correia de Azevedo e
Cristiane Fernandes Cordeiro Braciak**

EM CEI Bela Vista do Paraíso – NRE BV

A proposta descrita a seguir aconteceu na Escola Municipal CEI Bela Vista do Paraíso, no espaço de oferta da educação em tempo ampliado. A partir do desenvolvimento da Prática de Educação Ambiental, articulando a oficinas de Educação Ambiental e Empreendedorismo (Jovens Empreendedores Primeiros Passos – JEPP), buscamos uma correlação entre a cultura empreendedora e os valores éticos, culturais e de cidadania, bem como a valorização da cultura local conhecendo os alimentos regionais e o processo de germinação de sementes.

O trabalho foi desenvolvido desde o início do ano letivo de 2023, tendo como principal objetivo despertar comportamentos empreendedores para que os estudantes do 2.º ao 5.º ano da escola possam empreender a própria vida. Mais especificamente, buscamos promover aos estudantes o reconhecimento dos benefícios de uma alimentação

Figura 6: Estudantes no Mercado Municipal



Fonte: SME (2023).

saudável e a importância da diversidade dos alimentos; o conhecimento sobre aspectos do mundo dos negócios por meio da montagem de um espaço gastronômico, conhecendo o processo de produção; o conhecimento de hortas e novas possibilidades de produção de plantas e hortaliças; e o conhecimento dos aspectos culturais da região que influenciam na alimentação das pessoas.

Utilizamos vários recursos, como o uso do livro fornecido pelo SEBRAE do curso JEPP, especificamente o do 2.º ano intitulado “Descobrimos alimentos e temperos naturais” e o do 5.º ano intitulado “Sabores e cores regionais”, bem como as ferramentas

virtuais como vídeos e podcast do curso. Outros recursos audiovisuais foram utilizados, como computadores e aplicativos de busca para pesquisa e informações. Para as atividades práticas, utilizamos terra, sementes e materiais alternativos.

A proposta do curso JEPP é a montagem de uma loja de temperos naturais (2.º ano) e um local de alimentação, chamado espaço gastronômico (5.º ano), priorizando a oferta de alimentos saudáveis. Com o desenvolvimento da proposta, os alunos vivenciaram etapas de trabalho para a montagem de um espaço gastronômico, como pesquisar preferência dos possíveis clientes, analisar fatores que influenciam a alimentação das pessoas na região, organizar a divulgação do negócio, entre outras. Os alunos discutiram ideias, tomaram decisões em conjunto, enfim, realizaram atividades que os remeteram a um contexto de ações empreendedoras, tendo a chance de ter um aprendizado que, como tal, poderá ser levado para suas vidas, de suas famílias e de sua comunidade.

Após apresentar o livro do JEPP, o assunto de estudo, iniciamos um debate sobre quais são as frutas mais consumidas em casa e na escola durante a semana pelos alunos e seus familiares.

A partir dessa conversa inicial, realizamos uma seleção das frutas consumidas que possuem sementes e questionamos o motivo das famílias não fazerem o seu plantio em suas residências, ou o cultivo das mudas de árvores para a venda ou doação. Fizemos um levantamento do número total de alunos em nossa escola e a média de sementes de uma laranja, assim, calculamos quantas sementes são descartadas no lixo orgânico da escola durante cada refeição. Calculamos o valor total de sementes e fizemos um levantamento da hipótese de quantas árvores seriam plantadas com esse descarte.

Exercitamos aspectos relacionados à criatividade e ao trabalho em equipe, de como seria possível arrecadar essas sementes, onde todos alunos da escola se envolvessem com esse objetivo.

Dividimos os estudantes em grupos e distribuímos as turmas para que divulgassem em cada sala da escola a ideia inicial, explicando sobre o “sementário”, orientando sobre a coleta e sobre o uso das sementes para o cultivo de mudas de árvores. Junto aos estudantes, confeccionamos vários “sementários” para a coleta das sementes. Eles ficaram sobre as mesas do refeitório e todas as turmas contribuíram.

Todos os alunos foram orientados sobre a importância de não contaminar as sementes coletadas evitando o seu contato com a saliva. Os estudantes coletaram as sementes diretamente da fruta consumida, sem selecionar aquelas que foram colocadas na boca, caíram no chão ou foram deixadas sobre a mesa do refeitório. Os estudantes realizavam a consulta do cardápio diariamente e lembravam da coleta das sementes. Foram coletadas sementes de laranja, poncã, maçã e melancia. Depois disso, elas secavam naturalmente sobre uma superfície higienizada.

Por várias vezes, recebemos sementes trazidas de casas embrulhadas em papel toalha ou guardanapo com o relato que o aluno não tinha encostado a semente na boca. Algumas famílias se envolveram nessa proposta e enviaram sementes de frutas diversas como pitaia, pêssago e ameixa.

Foi apresentado aos estudantes o tutorial “Sementeiras com Rolinhos de Papel Higiênico e Papel Toalha”¹ e feita a confecção das sementeiras com os rolinhos de papel higiênico, conscientizando-os sobre o uso das sementeiras ecológicas.

Os estudantes pesquisaram em sala de aula sobre o processo da germinação das sementes e o tempo de cada etapa. Após a pesquisa, descobriram que para acelerar o processo e aumentar a probabilidade de germinação, poderiam retirar camadas de algumas sementes. Assim, os estudantes descascaram duas camadas das sementes de laranja e de poncã e dispuseram as amêndoas

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3QMVTM8jbQE&t=7s>.

em recipientes adequados com papel umedecido, acelerando o processo de germinação e formação de brotos.

Iniciamos a apresentação aos estudantes de diferentes sementes e alimentos característicos de nossa região. Com o auxílio de parceiros, conseguimos levar para a sala de aula e observar caroço de abacate, cacho de sementes da palmeira-juçara, semente de fruta-do-conde, pinhão que se transforma em araucária, café, entre outros encontrados em Curitiba e regiões próximas. Também trouxemos cupuaçu, castanha-do-pará e outros alimentos de outras regiões do Brasil.

Figura 7: Sementes recolhidas pelos estudantes



Fonte: SME (2023).

Com essas discussões, muitos estudantes oriundos de outros lugares do país relatavam conhecer outros alimentos que não havia em nossa região. Em uma dessas rodas de conversa, uma estudante que morava em Manaus relatou que apreciava consumir uma fruta chamada tucumã. No período de recesso escolar, ela foi visitar familiares e trouxe a fruta para os colegas experimentarem.

Aprofundamos o conhecimento sobre a palmeira-juçara apresentando aos estudantes uma reportagem exibida no jornal televisivo “Boa Noite Paraná”, que mostra o despejo de quatro toneladas de sementes da espécie na Mata Atlântica², devido a ameaça de extinção por causa da extração do seu palmito. Como a planta é monocaule, a retirada do palmito causa a morte da árvore e, por isso, desde 2008 sua exploração é proibida. Apresentamos aos estudantes um cacho de suas sementes, explicando que é uma palmeira ameaçada de extinção devido ao extrativismo predatório do palmito. Propusemos que os estudantes realizassem pesquisas em grupos, no notebook, sobre diferentes aspectos referentes à espécie como sua ocorrência, características, produtos gerados, composição nutricional, etapas de processamento dos produtos

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11682254/>.

palmito e polpa da juçara, bem como sobre grupos de apoio a manutenção da espécie. Após a coleta e discussão dos dados, refletimos com eles sobre a importância dela para a nossa região e refletimos sobre o consumo do palmito e do fruto da juçara, sobre as oportunidades de renda sustentável, o plantio de suas mudas e sobre a sua preservação.

Figura 8: Estudantes na aula de campo no Mercado Municipal



Fonte: SME (2023).

Partindo dessas propostas iniciais, surgiu a ideia de levar os estudantes para conhecer espaços de produção e comercialização de alimentos regionais. Como ao lado da escola temos a horta comunitária “Bela Hortinha”, levamos a turma para conhecer e explorar o espaço. Lá puderam também plantar mudas e observar o crescimento de frutas e hortaliças como morango, pepino, alface, entre outros.

Ao sermos contemplados com a aula de campo no Mercado Municipal, pudemos ampliar os conhecimentos de sala de aula, ultrapassando os muros da escola e mostrar aos estudantes a variedade de alimentos regionais existente em nossa cidade.

Os estudantes conheceram alimentos diversos como abobrinha brasileira, jenipapo, abóbora-espaguete, alcachofra, couve-de-bruxelas, melancia sem semente, alimentos orgânicos, manjerição basílico, milho doce, mini milho, cenoura colorida, avocado, entre outros. Observaram a alteração que existe no processo de um alimento in natura para um processado como o palmito em conserva, por exemplo.

Na aula de campo conheceram a história do Mercado Municipal e observaram como funciona um espaço gastronômico. Essas ações auxiliaram na construção de conceitos, procedimentos e atitudes relacionados ao plano de negócio e ao comportamento empreendedor, os dois eixos temáticos principais do curso JEPP. Puderam exercitar diferentes comportamentos empreendedores,

buscando uma postura mais consciente e ativa no dia a dia. Ampliaram o repertório para planejar e montar o espaço gastronômico na Feira do Empreendedorismo realizada na escola.

Além disso, iniciamos o cultivo das mudas, plantando as sementes com brotos nas sementeiras e identificando-as com a data do plantio. Organizamos um cronograma de irrigação e adubação. Acompanhamos as etapas de crescimento das mudas semanalmente com as turmas.

Tivemos condições climáticas que influenciaram e não favoreceram no processo de crescimento das mudas, com um período de chuvas intensas encharcando as sementeiras no espaço em que estavam dispostas. Com isso, as mudas tiveram a saúde e o crescimento afetados, acabando em pouco resultado com qualidade.

Relacionamos a organização e o planejamento de todas essas etapas do plantio com a ação empreendedora de sonhar, planejar, se esforçar para realizar o que deseja e conquistar os seus objetivos, enfatizando os comportamentos empreendedores do curso do JEPP.

Figura 9: Estudantes no Mercado Municipal



Fonte: SME (2023).

A aula de campo proporcionou uma oportunidade real para os estudantes conhecerem o ambiente de um mercado e de um espaço gastronômico. Essa experiência prática auxiliou a contextualizar de forma mais concreta os conceitos teóricos abordados em sala de aula. A observação do funcionamento desses locais permitiu aos estudantes integrar conceitos teóricos relacionados ao plano de negócio e ao comportamento empreendedor.

Ver na prática como esses conceitos se aplicam fortaleceu a sua compreensão, pois exercitaram diferentes comportamentos empreendedores, como a observação, a análise de oportunidades,

a criatividade e a proatividade. Esses comportamentos são fundamentais para o desenvolvimento do espírito empreendedor.

A experiência contribuiu para uma maior conscientização sobre a importância do comportamento empreendedor no dia a dia. Os estudantes perceberam a relevância de uma postura mais ativa e proativa na busca por oportunidades e na resolução de desafios. A ampliação do repertório dos estudantes para planejar e montar o espaço gastronômico na Feira do Empreendedorismo mostrou uma aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Isso não apenas reforçou a aprendizagem, mas também demonstrou a utilidade direta desses conceitos em situações reais.

A visita ao Mercado Municipal e a preparação do espaço gastronômico para a Feira do Empreendedorismo proporcionou, também, oportunidades para o trabalho em equipe e a colaboração. Essas habilidades são fundamentais no ambiente empreendedor.

Figuras 10 a 12: Estudantes na aula de campo no Mercado Municipal



Fonte: SME (2023).

A experiência na aula de campo destacou a importância de aprendizados que vão além dos limites da sala de aula. Conhecer o mundo real dos negócios e aplicar os conhecimentos adquiridos em situações práticas contribuiu significativamente para o desenvolvimento dos estudantes, pois não apenas fortalecem o

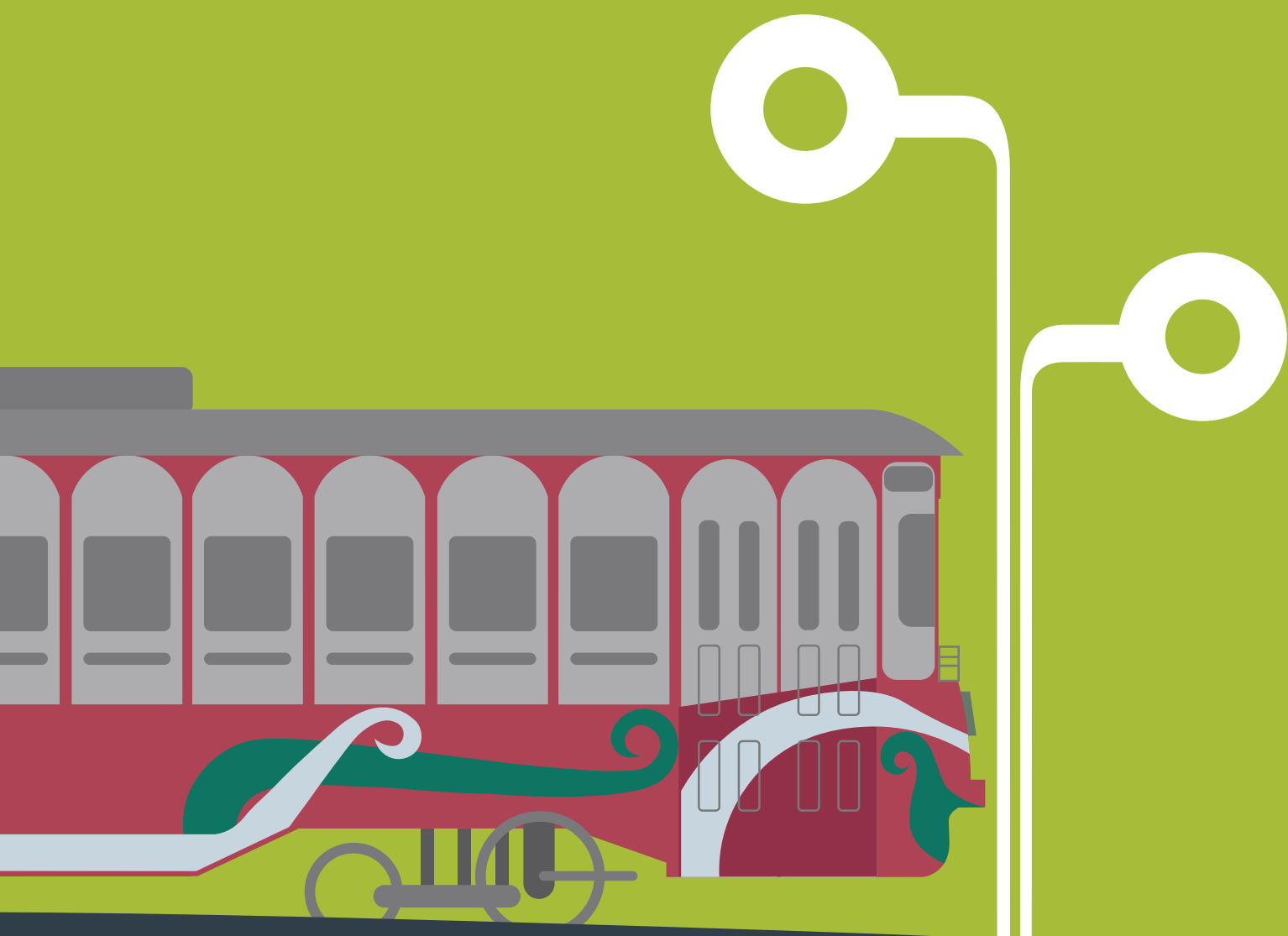
entendimento teórico, mas também os preparam para enfrentar desafios, desenvolvendo habilidades empreendedoras que podem ser aplicadas em diversas áreas da vida.

Figuras 13 a 17: Processo de germinação da semente



Fonte: SME (2023).

BIBLIOTECA HIDEO HANDA



Priscila de Souza Barreto
EM Madre Antônia – NRE CJ

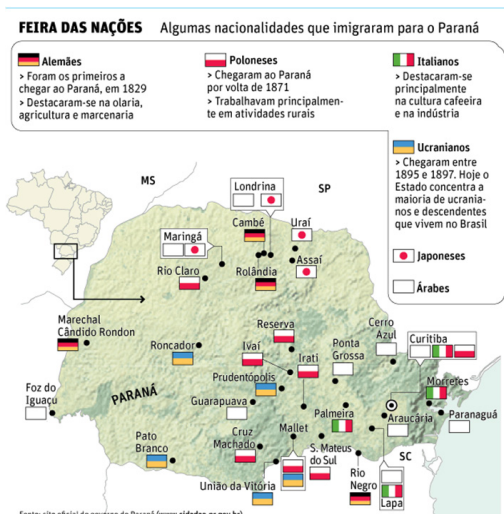
O seguinte relato envolveu os estudantes do 4.º ano da Escola Municipal Madre Antônia, turno da manhã, com objetivo de relacionar o contexto histórico brasileiro com as causas que motivaram a ocupação e o povoamento do Paraná, a partir das diferentes fontes. Para início de conversa com os estudantes, foi solicitado que observassem os diferentes sobrenomes que têm na sala e sua origem.

Após, foi o momento de pesquisar no dicionário a diferença entre emigrante (sai do seu país para morar em outro) e imigrante (quem chega para morar num país).

Algumas curiosidades foram lançadas para aguçar a curiosidade e instigar novos conhecimentos:

CURIOSIDADE – Você sabia que o Paraná tem diversas localidades colonizadas por povos europeus, asiáticos, árabes, entre outros? Entre 1870 e 1930 vieram cerca de 3 milhões de imigrantes das mais diferentes origens. Aqui no Brasil, consequentemente, no Paraná, os imigrantes encontraram uma vida muito difícil, porém, acabaram se integrando à nova Terra e contribuíram com suas técnicas e costumes.

Figura 18: Mapa do Paraná



Fonte: SME (2023).

A partir da leitura do mapa, foi possível compreender que os imigrantes vieram motivados pelas propagandas que o governo brasileiro fazia no exterior. Em Geografia, foi mostrado no mapa-múndi de onde saíram estes imigrantes (seu país de origem) e suas contribuições locais na arte, culinária, vestimentas, agricultura, arquitetura, língua, artesanato e religião.

História - Imigração

Figura 19: Fonte histórica utilizada com os estudantes durante a aula



De povoado a metrópole, o traço fundamental que definiu o perfil de Curitiba foi a chegada de imigrantes das mais variadas procedências. Europeus, asiáticos e africanos contribuíram para a formação da estrutura populacional, econômica, social e cultural da cidade. Da mesma forma, paulistas, gaúchos, mineiros, nordestinos, enfim, brasileiros de todas as localidades também aqui se encontram, construindo a imagem de Curitiba.

Até o século 18, os habitantes da cidade eram índios, mamelucos, portugueses e espanhóis. Com a emancipação política do Paraná (1854) e o incentivo governamental à colonização na segunda metade do século 19, Curitiba foi transformada pela intensa imigração dos europeus.

Alemães, franceses, suíços, poloneses, italianos, ucranianos, nos centros urbanos ou nos núcleos coloniais, conferiram um novo ritmo de crescimento à cidade e influenciaram de forma marcante os hábitos e costumes locais.

Em 1872, segundo registros históricos, a presença dos alemães no núcleo urbano já era notável. Eles iniciaram o processo de industrialização – metalurgia e gráfica –, incrementaram o comércio, introduziram modificações na arquitetura e disseminaram hábitos alimentares. Difundiram, também, a noção de associativismo.

Os poloneses chegaram em 1871 e criaram as colônias de Tomás Coelho (Araucária), Muricy (São José dos Pinhais), Santa Cândida, Orleans, Lamenha, Pilarzinho e Abranches. Atuaram basicamente na lavoura e no comércio. Hoje formam em Curitiba a maior colônia polonesa no Brasil.

Os italianos vieram para Curitiba em 1872 e, em 1878, criaram a colônia Santa Felicidade. Os oriundos do norte da Itália eram, em sua maioria, operários, artesãos, profissionais especializados e comerciantes. Os do sul dedicavam-se à lavoura e introduziram novos implementos agrícolas. Assim como os poloneses, eles vendiam na cidade, de carroça, sua produção de hortaliças.

Os ucranianos vieram em 1895. Estabeleceram-se no Campo da Galícia e foram expandindo suas propriedades ao longo da atual Avenida Cândido Hartmann e por todo o bairro Bigorrião.

Os japoneses marcaram presença em Curitiba a partir de 1915, com a chegada de Mizumo Ryu. Em 1924, deslocaram-se para cá em maior número e se fixaram na cidade e redondezas - os bairros Uberaba, Campo Comprido, Santa Felicidade e o município de Araucária.

Os sírios e libaneses, no início do século XX, estabeleceram-se no comércio de roupas, sapatos, tecidos e armarinhos. Em função das características de suas lojas, ocuparam a área central da cidade. Os primeiros imigrantes vendiam as novidades às colônias mais distantes viajando em lombo de burro e batendo de porta em porta.

Curitiba também guarda marcas da presença negra, embora esta seja pouco documentada. Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês que andou pela cidade em 1820, fez levantamentos sobre a população da província: em 1818 havia 1.587 escravos, contra 1.941 vinte anos depois, em 1838. Nos mesmos anos, a população total era de 11.014 e de 16.155 habitantes. Ou seja: a população cresceu em 5.141 pessoas e os escravos, em 354. Mas, apesar dos

poucos documentos existentes, a escravatura existiu no Paraná, ao longo dos ciclos econômicos e na construção de obras gigantescas como, por exemplo, a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, entre 1880-85, ligando o Litoral ao Primeiro Planalto e com a engenharia dos irmãos Antônio e André Rebouças, ambos mulatos.

Fonte: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>

Dentre todos os imigrantes que abordamos nas aulas de História e Geografia, escolheram aprofundar seus conhecimentos sobre a imigração japonesa. Trouxemos uma descendente de 3.^a geração para entrevistarmos, junto com seu filho de 10 anos que é da quarta geração e que nos presenteou nesse dia com um chaveiro de onigui. Na outra semana, nos presenteou com pastéis em formato de capivara, criação e receita da família Yamashiro, tradicional nas feiras livres de Curitiba.

Figura 20: Convidada para entrevista com estudantes



Fonte: SME (2023).

E, para complementar todo o aprendizado, a turma foi contemplada com uma aula de campo na Biblioteca Hideo Handa e na Praça do Japão.

Figura 21: Aula de Campo na Biblioteca Hideo Handa



Fonte: SME (2023).

Depois, exploramos o mapa-múndi e o globo terrestre a fim de localizar Curitiba e o Japão. Também pesquisamos sobre a imigração japonesa.

A imigração japonesa para o Brasil teve início em 1908, num acordo entre os governos do Brasil e do Japão. Em 28 de abril daquele ano, 781 japoneses partiram de Kobe, no Japão, a bordo do navio a vapor Kasato Maru. A maior parte dos japoneses saíram das cidades de Okinawa, Kagoshima, Fukushima e Hiroshima. Chegaram ao porto de Santos em 18 de junho de 1908, após 52 dias de viagem. Dirigiam-se, principalmente, às lavouras cafeeiras de São Paulo e norte do Paraná. Depois desses pioneiros, milhares de imigrantes japoneses continuaram a chegar ao Brasil.

No Paraná, as cidades de Maringá e Londrina são as que concentram o maior número de descendentes de imigrantes japoneses. Em Curitiba, muitos japoneses chegaram a partir de 1915, estabelecendo-se, principalmente, nos bairros de Uberaba, Campo Comprido, Santa Felicidade e Araucária. Hoje, existem cerca de 40 mil descendentes de japoneses na cidade.

Fonte: Cultura Japonesa em Curitiba (cultura-arte.com). Acesso em: 24 out. 2023.

CONHECENDO A
SECRETARIA MUNICIPAL DA
EDUCAÇÃO E O GABINETE
DA SECRETÁRIA

Conhecendo a Secretaria Municipal da Educação e o gabinete da secretária

Jessica Ottoboni da Silva Oliveira

EM Vila São José – NRE CIC

A formação continuada é norteadora na trajetória do professor. Ela é determinante não apenas para contribuir no fomento do conhecimento, mas principalmente na reflexão da prática pedagógica diária, bem como na expansão de potenciais inerentes à práxis. É nesse universo de possibilidades educacionais nos espaços da nossa cidade que o PLC atua, não apenas apresentando lugares, mas compartilhando saberes únicos sobre eles e tornando esses espaços potencialidades para levar a sala de aula para o lado de fora. As rotas formativas do PLC contribuíram para que eu compreendesse a importância de pensar na aula de campo como um recurso valioso de aprendizagem, o qual necessita de um propósito, um plano, uma estratégia para alcançar o inimaginável.

As formações me capacitam e instruem para que eu pense além do senso comum, a fim de oportunizar o meu melhor para os estudantes nos territórios da minha cidade, com conhecimento teórico-metodológico e embasamento no Currículo. Permite-nos, também, conhecer a Carta das Cidades Educadoras e os ODS, as quais elucidam as práticas pertinentes para o ensino de qualidade com ampla contribuição social. Nos encontros formativos, por meio das rotas, é possível perceber que eu posso fazer o “caminho” inverso na construção da metodologia, observando o campo enquanto docente e pensar em como transferir essa prática para a teoria na escrita e no desenvolvimento do planejamento para a aula de campo, articulando com os diversos componentes curriculares.

A partir dessa reflexão e a sua relação com o PLC, é perceptível a viabilidade de conectar o trabalho pedagógico-teórico alinhado ao prático, direcionando os estudantes para as aulas de campo e

oportunizando a vivência do planejamento de forma única. É tornar vivo o Currículo.

Desse modo, nessa aula de campo, os componentes curriculares trabalhados foram História e Geografia, cujos conteúdos já vinham sendo explorados em sala de aula, bem como sobre a Educação em Direitos Humanos de forma significativa. Eles referiam-se à transição entre o segundo e terceiro trimestre de ambos os componentes. Em História, trabalhávamos sobre cidadania e os movimentos de resistência social, política, econômica e cultural no Brasil, assim como a respeito dos embates pelas lutas pela liberdade de expressão e dos direitos e deveres garantidos na Constituição e Declaração Universal dos Direitos Humanos, inclusive o direito ao processo eleitoral.

Nesse contexto, os conteúdos de Geografia discutiam as paisagens, a qualidade ambiental, a poluição, a organização dos espaços brasileiros, considerando os aspectos econômicos, o trabalho e urbanização, a inovação e tecnologia e as dinâmicas socioculturais e populacionais, considerando a realidade local e o espaço brasileiro como um todo. No entanto, não vejo como é possível trabalhá-los sem citar os conteúdos relacionados às questões políticas fundamentais. Entendo que para compreender questões relacionadas aos direitos e a cidadania, sejam eles na conjuntura da lei ou subjetiva, enquanto indivíduo no seu espaço familiar, e relativamente às transformações das paisagens e a atividade trabalhista nas cidades, é necessário compreender, no mínimo, a organização da esfera política no Brasil e em parte do mundo, a fim de ter uma percepção global da sucessão dos eventos através dos tempos, bem como garantir aos estudantes que tenham conhecimento sobre os próprios direitos enquanto sujeitos, garantindo-lhes as competências e habilidades nas mais diversas esferas sociais.

Partimos, então, para um estudo sobre os três poderes, algo que iniciou com muitos questionamentos por parte dos estudantes, pois houve dificuldades de compreender conceitos e saberes inerentes

ao tema e, desse modo, ganhou uma proporção maior, no qual esse estudo elucidou novos diálogos, e eles passaram a perceber situações cotidianas de ausência de discussões sociais por falta de conhecimento a respeito do sistema político brasileiro.

E foi nesse contexto, de um planejamento articulado entre as disciplinas, abraçando também, ainda que de forma rasa, conceitos de sociologia e filosofia, que foi possível realizar essa aula de campo, recebendo o convite de uma breve conversa com a secretária da Educação de Curitiba, Maria Silvia Bacila, numa ocasião festiva num CMEI, na comunidade da Vila São José, no bairro Augusta.

No percurso para o desenvolvimento das atividades, antes da aula de campo, as metodologias foram diversas. Além das atividades de registro nos cadernos das disciplinas e uso dos livros didáticos, utilizamos a televisão multimídia e os tablets do Farol Móvel como recurso didático fundamental para a visualização de imagens e vídeos relacionados, para a leitura da Declaração Universal dos Direitos Humanos e para busca de significados de palavras. Realizamos uma roda de conversa na sala de aula, na busca pela compreensão do conceito de direito, a partir de discussões filosóficas com o filósofo professor Luiz Felipe Pondé, com questões provocativas que inquietaram os estudantes e nos levaram a reflexões diversas.

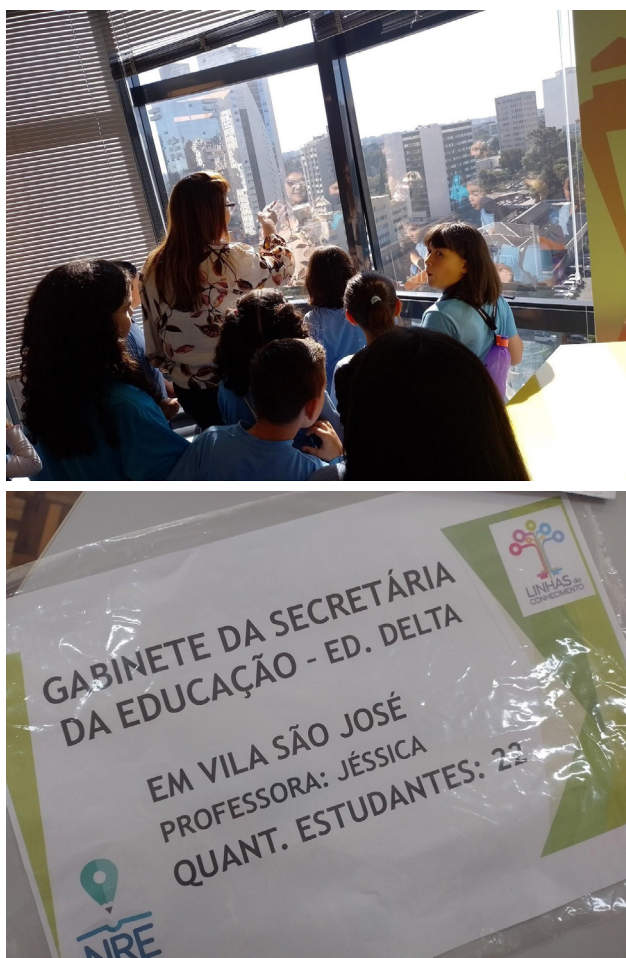
Nesse momento, os estudantes tiveram voz ativa para falar de suas concepções. Realizamos uma roda de estudos com os recortes das imagens dos representantes dos três poderes, nas escalas do governo federal, estadual e municipal, considerando também seu ministério e a secretaria de educação. Eles estavam reunidos, auxiliando uns aos outros, na colagem e na compreensão das hierarquias políticas de cada personalidade ali representada, assim como os espaços físicos que acomodam a Presidência da República, o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Curitiba. Os estudantes, após o convite, iniciaram os estudos sobre

a cidade de forma mais significativa, considerando a região central, especialmente a do Edifício Delta, realizando o percurso por meio do Google Maps.

Durante a ação, pudemos apresentar à Secretaria o projeto de internacionalização que estávamos prestes a desenvolver, o qual não apenas complementa, mas traz novidades nesse estudo, que está perfeitamente alinhado aos componentes curriculares citados. Esse projeto está sendo realizado em parceria com uma escola pública em Bissau/Guiné Bissau, na África Ocidental, denominada “Escola Esperança”.

Os estudantes puderam conhecer diversos departamentos relacionados à educação, como o Departamento de Ensino Fundamental, Sede do PLC, da CEFAR, de Tecnologia e Inovação, a Gráfica, dentre outros espaços da SME.

Figuras 22 e 23: Estudantes conhecendo o Gabinete da Secretária Maria Silvia Bacila



Fonte: SME (2023).

Após essa experiência, os estudantes passaram a apresentar um comportamento mais maduro dentro e fora de sala. O perfil dessa turma era imaturo para a faixa-etária, e por ser uma ano importante para a escola devido a Prova SAEB, uma das minhas preocupações enquanto docente, muito mais que prepará-los técnica e pedagogicamente, era fornecer subsídios para contribuir com a formação da maturidade, visto a importância de levá-los ao entendimento do processo pelo qual eles passariam nessa preparação, por ser um propósito muito maior do que apenas uma prova temida, mas sim a amostragem do potencial da escola pública, ou melhor, do potencial dos seus educandos.

Desse modo, o caminhar que nos direcionou até essa aula de campo nos proporcionou muito além de novos conhecimentos e quebra de paradigmas, mas principalmente amadurecimento comportamental e relacional por meio de novas realidades, possibilidades educacionais, oportunidade de crescimento no mercado de trabalho e experiências únicas de vida. Aliás, foi esse sentimento que permaneceu (e ainda permanece) expresso na voz dos estudantes após a vivência na aula de campo no gabinete da secretária e demais setores educacionais no Edifício Delta.

Figuras 24 a 26: Estudantes iniciando a aula de campo na SME de Curitiba



Fonte: SME (2023).

Posso afirmar, com toda certeza, que essa aula contribuiu com a transformação do perfil da turma, cooperando para consolidar todos os aprendizados dos demais componentes curriculares, uma vez que passaram a ampliar a noção de território e espaço geográfico, a dimensão política na área educacional, sobre cidadania e o seu exercício e a entender um pouco melhor a complexidade das ações, funções e responsabilidades da secretaria de educação e, portanto, encararam com seriedade o ritmo de estudos intensificado, comprometidos com as atividades cotidianas desenvolvidas em nossa instituição. Eu sou grata por esse processo de construção e compartilhamento de novos conhecimentos com os meus educandos nos espaços da nossa cidade por meio do PLC.

Figuras 27 a 32: Registro da sistematização das aprendizagens dos estudantes



Fonte: SME (2023).

Figuras 33 a 34: Momentos em que os “estagiários” do dia estão articulando as correções das tarefas de casa e atividades



Fonte: SME (2023).

Figura 35: Dia do aniversário do CMEI São José, no qual a secretária conheceu duas estudantes da turma e nos fez o convite



Fonte: SME (2023).

BAIRRO QUE BRINCA, UM
QUINTAL INTENCIONANDO
EXPÊRIÊNCIAS DE
CONTINUIDADE E
SIGNIFICATIVIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL



Bairro que brinca, um quintal intencionando experiências de continuidade e significatividade na Educação Infantil

Ana Beatriz Souza Cerqueira
CMEI Centro Cívico — NRE MZ

Os princípios da Educação Ambiental, pautados na Educação CTSA (ciência, tecnologia, sociedade e ambiente), territorialidade (SANTOS, 2012) e Cultura Científica (RUFFINO, 2012), chega no CMEI Centro Cívico como possibilidade de garantir processos de aprendizados significativos para crianças e adultos, inspirados pelo Currículo de Curitiba e pela BNCC. Sendo colocado em prática em um projeto institucional, iniciado em 2015, que objetiva a construção de conhecimento e pela continuidade, a partir de experiências no quintal e entorno do CMEI, de modo a garantir para os bebês e crianças desfrutarem de um ambiente mais orgânico, que perpassa por processos de investigações e possibilite o olhar para o ciclo de vida e ações sustentáveis, destacando um olhar importante para o espaço e o entorno, buscando compreendê-lo na perspectiva do território como um lugar de experiências das crianças, como um laboratório.

Assim, foi necessária uma reflexão buscando significar e transformar o cotidiano dos bebês, crianças, profissionais e famílias, em um lugar que respeite esses sujeitos e sua relação com os espaços do bairro Centro Cívico, que é permeado por duas praças, um bosque, um rio e um entorno rico em possibilidades.

Figuras 36 a 39: Crianças ocupando os espaços do entorno



Fonte: SME (2023).

Em articulação com o PLC, esse projeto possibilitou conhecer, se apropriar e ocupar esses ambientes com brincadeiras e descobertas, em um ambiente onde cada criança escolhe com quem e como deseja brincar, com materialidades e contextos que favorecem a brincadeira, a criatividade e a imaginação, tendo esses espaços como um território de aprendizagem. O objetivo principal se pauta na proposição de experiências que reconheçam as crianças e profissionais como protagonistas, como potentes em si e nas possibilidades de invenções da materialidade do espaço e tempo, onde haverá uma “constante construção e reinvenção, ao qual podem investigar e questionar o que vivem, indagando-se a respeito dos sentidos dos porquês de cada acontecimento” (BARBIERI, 2021, p. 16).

As intencionalidades pedagógicas perpassam por ações sustentáveis como a compostagem, cultivo da horta, pomares e jardim de mel, a redução de lixo e o reaproveitamento da água da chuva, buscando efetivar a ação e política de todos os envolvidos, tendo como resultado o reconhecimento do potencial da escola na democratização do acesso a conhecimentos científicos e aos legados em prol de uma educação infantil de qualidade, que se apropria de valores de cuidado e preservação das riquezas naturais do nosso quintal.

Figuras 40 a 45: Crianças ocupando os espaços do entorno

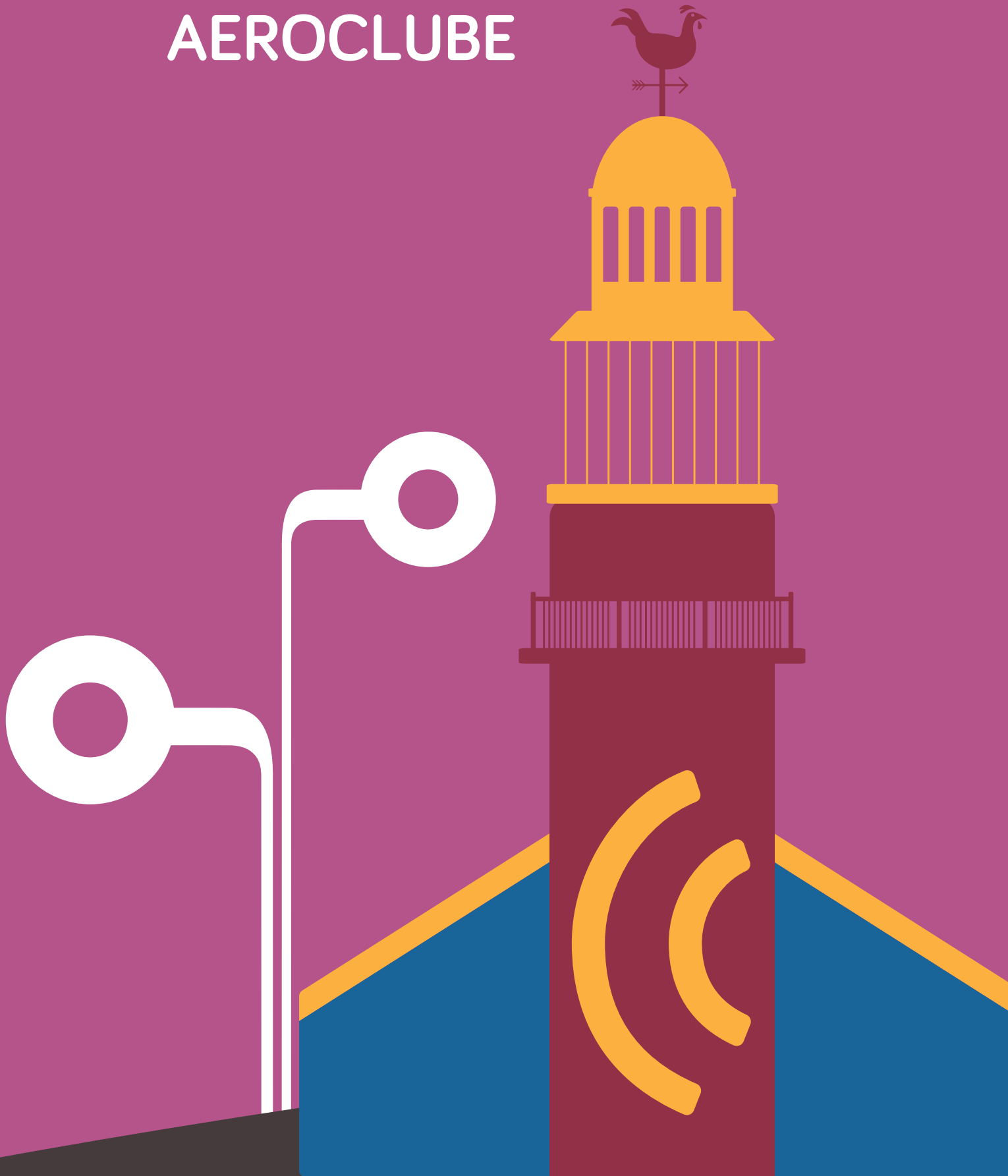


Fonte: SME (2023).

Apropriar-se do entorno do CMEI, vivenciando o sentido de territorialidade, por meio de ações situadas como a possibilidade de refletir sobre a funcionalidade do espaço, propor mudanças e a construção de uma horta comunitária em uma prática pedagógica em que as ações são planejadas, desenvolvidas e analisadas, tendo a reflexão como subsídios para novos planejamentos, tem como foco a aprendizagem da criança, respeitando seu tempo, seu espaço e, principalmente, proporcionando um protagonismo compartilhado entre todos os envolvidos na prática educacional.

A reflexão sobre a prática é fundamental para buscar um olhar mais atento, de proximidade, curioso do professor em relação às crianças, revelando, democratizando e testemunhando de uma forma bastante igualitária as aprendizagens, as intencionalidades, as escolhas e os processos.

AEROCLUBE



Aeroclube

Maria Aparecida Alves
Angelita Maria Medeiros
Franciele de Lima Dolberth
UEI Osvaldo Cruz – NRE PN

No epicentro dessa experiência pedagógica, vislumbra-se um ambiente dinâmico onde o desafio e a criatividade se entrelaçam para formar a essência do aprendizado. Este relato não apenas descreve o que foi ensinado, mas tece as tramas dos momentos de epifania, das soluções criativas e das interações que moldaram a vivência educativa.

A narrativa a seguir refere-se às práticas pedagógicas de Ciência e Tecnologia na oficina “Investigação e experimentos sobre o voo” desenvolvida com a turma de Integral em tempo ampliado — Ciclo II da UEI Osvaldo Cruz. Nesse contexto, abordaram-se os conteúdos dos componentes curriculares de Geografia e Ciências: meios de transporte e de comunicação; utilização do ar e dos ventos nas atividades humanas; propriedades e uso dos materiais.

A metodologia adotada nessa proposta pedagógica foi cuidadosamente planejada, estabelecendo uma atmosfera propícia ao aprendizado significativo. Tudo começou por meio de leituras e vídeos no intuito de engajar os estudantes em uma viagem pela história da aviação. Para isso, foram utilizados: livro Alberto do sonho ao voo (José Roberto Luchetti); revista Ciência Hoje das crianças — Voa 14 BIS! Ano 19 / N.º 172; e vídeos: Alberto Santos Dumont/Um cientista, Uma história e De onde vem o avião? Episódio 6 — Kika.

Após, os estudantes foram convidados a confeccionar uma linha do tempo e um mural dos cientistas que fizeram parte dos estudos sobre a invenção do avião.

Almejando ampliar o aprendizado com aula de campo, foi necessário conhecer sobre o Aeroclube do Paraná e sua importância na formação de pilotos de avião e comissários de bordo. Para melhor compreensão assistimos os vídeos: Aeroclube do Paraná – Meu Paraná RPC TV e Aeroclube do Paraná – Linhas do conhecimento. Em seguida, conversamos sobre o que aprendemos.

No dia 18 de abril, recebemos a visita do piloto de avião, comandante Drechsel, que conversou com os estudantes sobre sua profissão.

Figura 46: Estudantes durante a visita do piloto de avião Comandante Drechsel



Fonte: SME (2023).

Para aprofundar ainda mais no conhecimento, realizamos pesquisas em artigos científicos, vídeos, imagens, entre outros:

Por que o avião consegue voar?

O que é rota de voo(aerovias)/carta aeronáutica?

Os estudantes fizeram estimativa de quantos aviões estão sobrevoando Curitiba em determinado horário e puderam verificar

pelo site: <https://www.flightradar24.com/> quem acertou ou se aproximou da quantidade correta.

Eles também construíram um foguete e realizaram a observação de seu voo em uma aula de campo local realizada no dia 5 de junho na Arena Novo Mundo, onde foi possível experienciar esse momento.

Figuras 47 e 48: Estudantes durante a aula de campo local na Arena Novo Mundo



Fonte: SME (2023).

O dia da aula de campo chegou, foi o momento de articular os conhecimentos adquiridos durante as aulas.

Figuras 49 e 50: Estudantes durante a aula de campo no Aeroclube



Fonte: SME (2023).

Após a mediação realizada, retornamos para a unidade e conversamos sobre o material utilizado na construção dos aviões. Muitas hipóteses foram levantadas e novamente fomos às pesquisas sobre a FUSELAGEM (corpo da aeronave), sua função e material utilizado na confecção. Será que é possível fazer a fuselagem utilizando outro material?

Figura 51: Foto da fuselagem do avião (aula de campo no Aeroclube)



Fonte: SME (2023).

Apresentei aos estudantes o Campeonato Mundial de Aviões de papel, que acontece na Áustria. Conversamos sobre as modalidades do campeonato (tempo de voo, distância e acrobacia).

Surgiu, então, a proposta para a confecção de aviões de papel (vários modelos), utilizando o aplicativo Paper Planes.

Figura 52: Estudantes utilizando o aplicativo PAPER PLANES para confecção de aviões de papel



Fonte: SME (2023).

Em seguida, abordou-se a aerodinâmica dos aviões de papel e sua influência no tempo de voo e distância. Os estudantes foram ao pátio brincar de fazer lançamentos.

Foi proposto um campeonato de aviões de papel em que os estudantes precisavam elaborar regras, definir as modalidades, confeccionar aviões de papel, entre outros.

Figura 53: Estudantes durante o campeonato de avião de papel



Fonte: SME (2023).

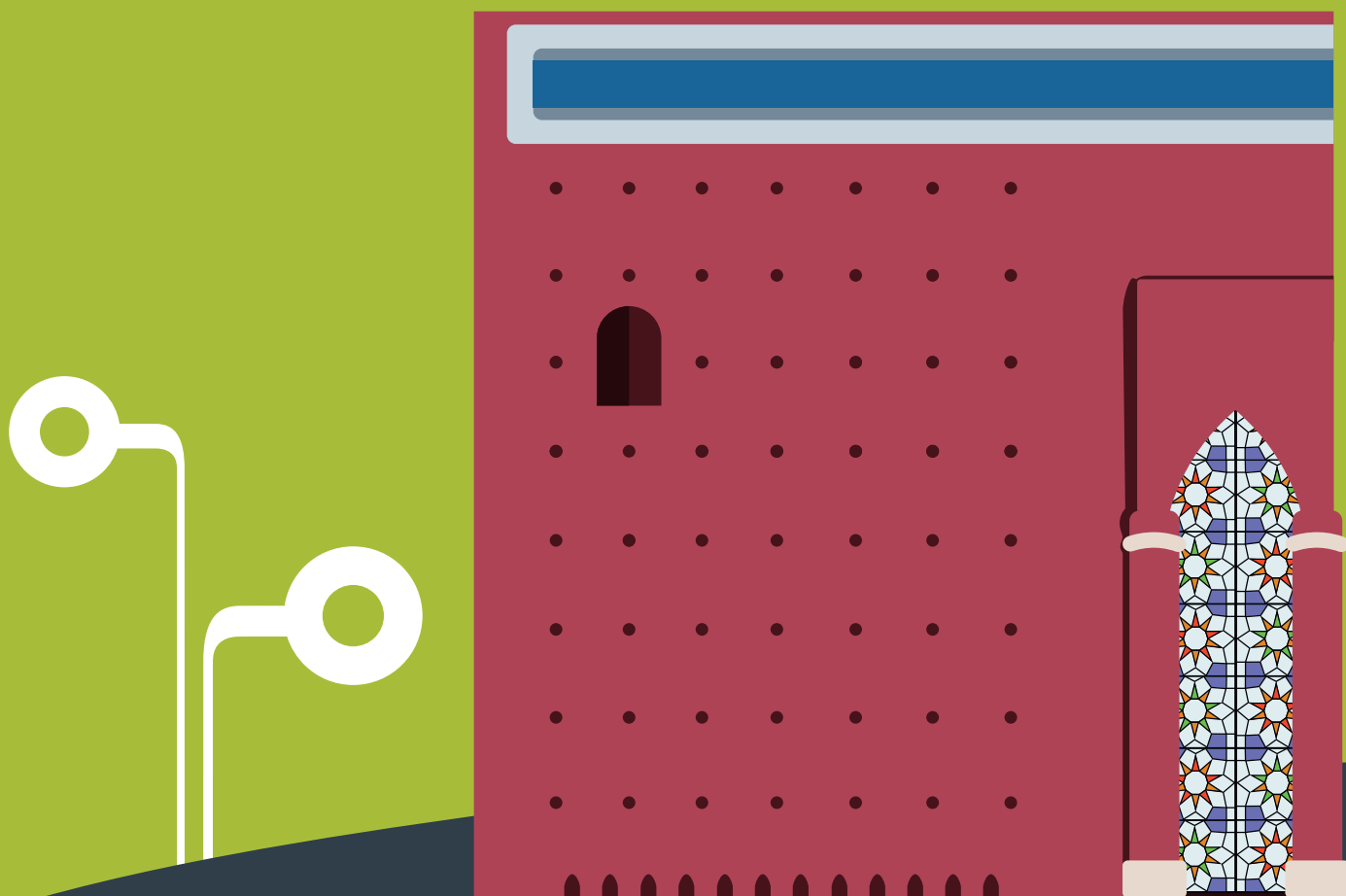
Os estudantes confeccionaram um livro com informações do aeroclube para exposição na feira do conhecimento, a qual foi realizada no dia 2 de setembro na Escola Municipal Doutor Osvaldo Cruz.

Figura 54: Estudantes na exposição da feira do conhecimento



Fonte: SME (2023).

ENTORNO: FEIRA NOTURNA DO ÁGUA VERDE



Entorno: Feira Noturna do Água Verde

Graziela Chinda

EM São Luiz – NRE PR

Esta narrativa reflete sobre a implementação de uma prática pedagógica no contexto do Ensino Fundamental, onde o objetivo principal foi despertar a curiosidade, incentivar o pensamento crítico e proporcionar aos alunos uma imersão significativa sobre hábitos alimentares importantes para a saúde.

A prática pedagógica foi desenvolvida em uma turma do 5.º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal São Luiz, no componente curricular Educação Física. O tema central escolhido foi alimentação saudável, uma oportunidade de integrar conhecimentos proporcionando uma abordagem interdisciplinar. A escolha desse tema foi motivada pela relevância dos resultados obtidos na avaliação do SISVAN (Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional), em que foi observado o aumento referente à quantidade de estudantes com sobrepeso e/ou obesidade.

No intuito de conscientizá-los sobre hábitos alimentares saudáveis para melhor qualidade de vida, iniciou-se atividades voltadas para esse fim.

Em um primeiro momento, foram apresentados aos estudantes os alimentos naturais X alimentos industrializados, seus benefícios e malefícios. Por meio de apresentações dos produtos, explicou-se aos alunos o que é produto in natura, processado e ultraprocessado. Em seguida, houve explicação sobre a quantidade de produtos químicos embutidos nos produtos, assim como os benefícios de uma alimentação rica em produtos in natura e as consequências do seu consumo. Nessa aula, os estudantes tiveram a oportunidade de ver o mesmo alimento, mas nas três formas, como o milho verde na espiga (in natura), enlatado (processado) e salgadinho Fandangos (ultraprocessado). Os três produtos são milho, mas em formas diferentes. Dessa forma, salientou-se os benefícios do consumo

produtos naturais (frutas, legumes e verduras), por serem produtos ricos em vitaminas e sais minerais, fibras, baixo teor de açúcar, sódio, gorduras trans, conservantes, corantes e químicas em geral.

Figura 55: Apresentação dos alimentos naturais X alimentos industrializados



Fonte: SME (2023).

Em outro momento, foi ministrada uma aula sobre refrigerantes, sucos e chás industrializados, e as quantidades de açúcares presentes em cada um deles, assim como seus malefícios. Conversamos sobre as possíveis trocas por opções mais saudáveis (água, sucos e chás naturais). Para uma melhor visualização, foi feita a exposição dos produtos (citados acima) e do açúcar existente em cada uma das embalagens (uma lata de Coca-Cola tem 37g de açúcar). Após a demonstração, conversamos para sugestões de trocas desses produtos por bebidas naturais e saudáveis, com a leitura da revistinha “Ana e o refri que só tirava o gás”, que fala do aumento da obesidade infantil em função do sedentarismo e má alimentação.

Figuras 56 e 57: Exposição dos produtos durante a aula



Fonte: SME (2023).

Outro ponto importante foi quando abordamos os hambúrgueres e batata frita: seus malefícios, quantidades de gorduras e sódio, trocas por opções mais saudáveis (sanduíches naturais, batatas assadas).

Utilizando-se de embalagens de hambúrgueres, lanches do McDonald's, pacotes de salgadinhos (chips), tudo industrializado, relatamos aos alunos a quantidade de gordura (óleo) existente em cada um desses produtos. Para uma melhor visualização, fizemos uma exposição das embalagens e logo abaixo um vidrinho com a quantidade de óleo existente em cada uma das embalagens (um pacote de Ruffles tem 77g de óleo). Após a demonstração, realizamos uma roda de conversa com sugestões de trocas desses produtos por alimentos naturais e saudáveis. Utilizamos a revistinha “Paulinho e seu inseparável hamburguer”, que fala do aumento da obesidade infantil em função do sedentarismo e má alimentação industrializados, e os malefícios que estes químicos trazem ao organismo.

Figuras 58 e 59: Exposição de embalagens e quantidades de gordura correspondente



Fonte: SME (2023).

Outra aula muito divertida realizada com os estudantes foram as compras no mercado. Aqui na escola, temos uma mini cidade que

contém um mercado. Durante o passar dos anos foram arrecadadas embalagens vazias, frutas, verduras e carnes de plástico. Utilizando o espaço do “mercado”, esses “produtos” foram distribuídos a fim de que os estudantes pudessem realizar as compras. Eles foram divididos em “famílias”, e cada uma deveria realizar uma compra com dez produtos. Ao final, fizemos uma análise das “compras” realizadas e as possíveis substituições.

Figuras 60 a 62: Espaço do mercado



Fonte: SME (2023).

Após todo o trabalho realizado em sala, os estudantes foram desafiados para uma atividade em família. Durante uma das refeições realizadas com a família, eles montaram um prato divertido, usando os alimentos para formar figuras, carinhas,

desenhos animais, etc. O prato foi fotografado para uma exposição na escola. Nela, eles devem deixar a criatividade rolar!

Figuras 63 a 67: Prato divertido dos estudantes



Fonte: SME (2023).

Eis que chegou o dia tão esperado de participar de uma aula de campo na Feira Noturna do Água Verde. A feira acontece todas às terças-feiras, numa rua próxima a nossa escola (aproximadamente 5 quadras). Fomos acompanhados por uma equipe do Linhas e da Guarda Municipal, e realizamos o trajeto a pé. Durante o percurso, os estudantes foram conhecendo o entorno da nossa escola (como academia, escola, lojas, etc.). Além de aprenderem como devem se comportar como pedestres (atravessar na faixa de pedestre, andar sempre na calçada, atravessar a rua somente quando for seguro).

Outro ponto interessante foi a explicação que a equipe do Linhas deu a respeito das placas de ruas (onde se localizam, que nelas constam nome da rua, o bairro e a numeração que pertence àquela quadra). Ao chegarmos na feira, foi possível relacionar o que eles estavam observando com a prática realizada na escola; visualizar a quantidade de opções de produtos naturais (in natura) que existem para o consumo; identificar a classificação dos alimentos (in natura, processados e ultraprocessados); chamar a atenção dos estudantes para frutas e verduras diferentes do que eles habitualmente consomem; aprender a realizar compras; e mexer com dinheiro. Foi uma aula muito enriquecedora e que com certeza ficará guardada na memória de todos os estudantes.

Figuras 68, 69 e 70: Aula de campo na Feira Noturna do Água Verde



Fonte: SME (2023).

E, para finalizar o conteúdo, foi feito com a turma um buffet de frutas, onde cada estudante trouxe de casa frutas já higienizadas

e outras foram compradas pela escola. Aqui eles tiveram a oportunidade de experimentar frutas como carambola, lichia, amora, romã e fruta do conde. Que delícia que foi essa experiência, o mais interessante é que não sobrou nada! Acho que eles entenderam o recado.

Figuras 71 a 73: Buffet de fruta com os estudantes



Fonte: SME (2023).

CORREIOS



Correios

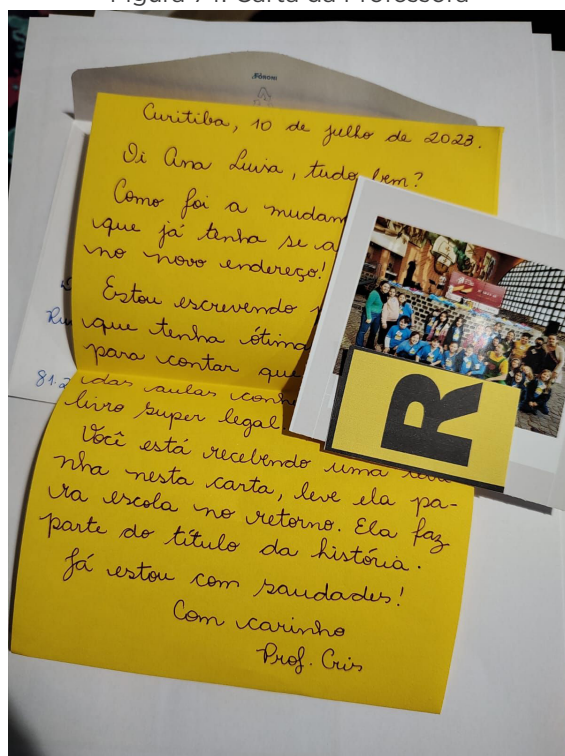
Cristiane Antunes Stein Zayn

EM Jardim Santo Inácio – NRE SF

O relato a seguir é resultado da prática pedagógica da disciplina de História, realizada com estudantes do 4.º ano da Escola Municipal Jardim Santo Inácio.

Houve a necessidade de trabalhar com o gênero carta em Língua Portuguesa. Então, durante o recesso de julho, enviei para as crianças uma carta via Correios. Nela, perguntei como estavam as férias, o que elas iam fazer no recesso e se estavam se divertindo. Também enviei uma letra dentro da carta que ia compor o nome do livro que iríamos ler quando as aulas voltassem e uma foto da nossa turma no momento de ampliação cultural que havíamos feito no Memorial de Curitiba.

Figura 74: Carta da Professora



Fonte: SME (2023).

No retorno do recesso, as crianças chegaram super empolgadas com as suas cartas e trazendo a letra. Algumas trouxeram a carta e eu fiz a retomada do porquê havia a enviado para elas. Como trouxeram as cartas, aproveitei e pedi que pegassem o envelope e retomamos os elementos: o que tinha nele e quais informações

foram importantes para que a carta chegasse até elas. Fiz a sistematização da estrutura do gênero carta: data, local, saudação, o corpo do texto, a despedida e a assinatura. Expliquei a eles o que era remetente, destinatário e retomei algumas questões sobre o funcionamento dos Correios.

Algumas crianças, infelizmente, não receberam as cartas em suas casas. Então, nós discutimos porque isso poderia ter acontecido. Havia uma criança que não tinha atualizado o endereço na escola e nem na agenda, então provavelmente chegou no endereço antigo.

Expliquei que, se essas cartas retornassem para minha residência, eu levaria para eles, porque geralmente se os dados do remetente estão corretos, os Correios devolvem. Aconteceu de uma carta voltar e eu levar para criança.

Propus uma produção de texto de resposta da carta para mim, e fizeram usando a estrutura do gênero textual carta.

Trabalhamos, então, com o livro de Ana Maria Machado “De carta em carta”, que mostra a troca de correspondência entre um menino e seu avô e, por meio dele, foi possível sistematizar conteúdos de Língua Portuguesa.

Vale salientar que antes de enviá-las para as crianças, fotografei as cartas e o correio. Também pedi para que o atendente dos Correios colocasse selo, já que, às vezes, apenas colocam um carimbo.

Figura 75: No correio

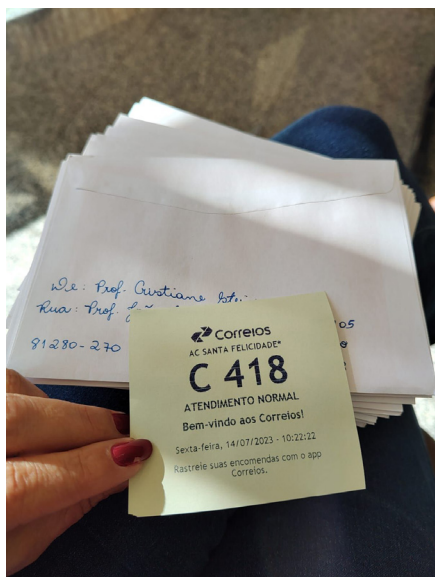
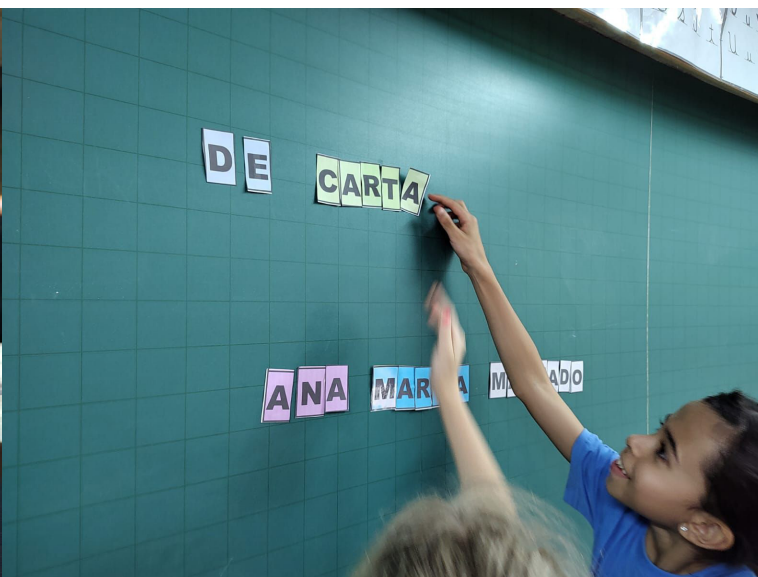


Figura 76: Estudantes formando palavras



Fonte: SME (2023).

Então, surgiu a oportunidade de participar da aula de campo na agência filatélica. Já havia feito essa rota anteriormente, com uma turma, há uns 4 anos e foi muito interessante.

Já na agência da João Negrão, entramos pelos fundos, o que possibilitou que vissem toda a parte de recebimento de encomendas e das embalagens sendo separadas pelo CEP. Visitamos seu interior e a mediadora que estava lá fez um trabalho belíssimo com as crianças. Explicou todo o processo, o percurso para o recebimento de carta, a história dos selos e sua importância, mostrou algumas coleções e falou sobre o selo olho de boi, que foi o primeiro do Brasil.

Então, as crianças começaram a explorar alguns selos. Receberam uma lupa e uma pinça para verem de que país era e quais as suas características e, ao final, foram convidados a dizer o que haviam gostado naqueles selos. Os estudantes receberam um álbum e alguns selos para iniciarem sua coleção.

Figuras 77 e 78: Estudantes observando os selos no Correio



Fonte: SME (2023).

No gênero carta, não trabalhamos apenas cartas para pessoas, também exploramos cartas de reclamação. Após explorá-lo no livro didático, propus a escrita de uma carta de reclamação para os

Correios, já que alguns colegas não haviam recebido a carta que a professora enviou.

Na aula de campo, recebemos a matriz de um selo para fazer uma coleção da turma e, como nosso próximo planejamento partiu de um cordel sobre mulheres heroínas, nossa coleção de selos foi para homenagear mulheres importantes para a história do Brasil e do mundo.

Figura 79: Selos confeccionados pelos estudantes



Fonte: SME (2023).

“NORMAM, COMEDOR DE LIVROS NO MEMORIAL”



“Normam, comedor de livros no memorial”

Josilene Mirian Nadalin Nunes

EM Santa Ana Mestra - NRE TQ

A narrativa que segue revela as vivências pedagógicas de 30 estudantes da turma do 3.º ano, turno manhã, da Escola Municipal Santa Ana Mestra, que envolveu um planejamento interdisciplinar, abrangendo conteúdos de História e Língua Portuguesa.

Iniciamos com a realização de um momento de leitura deleite, mas com a intenção conjunta de despertar o interesse pela leitura de nossos estudantes. A turma recebeu um bilhete de autoria secreta, dizendo que deveriam comparecer em determinado espaço da escola porque haveria uma surpresa. O espaço estava preparado aconchegantemente e tinha, à disposição para leitura, o livro “Para que serve um livro”, do autor Chloe Legeay, que traz várias possibilidades que o livro pode nos proporcionar. Na sequência, discutimos o que a história nos trouxe e de como o livro e a leitura podem acrescentar vivências, além disso os estudantes puderam falar o que sentiram ou aprenderam em algum momento de leitura, valorizando as experiências que já vivenciaram. Ao final, pedimos as crianças que registrassem através de desenhos este momento.

Figura 80: Momento de leitura deleite

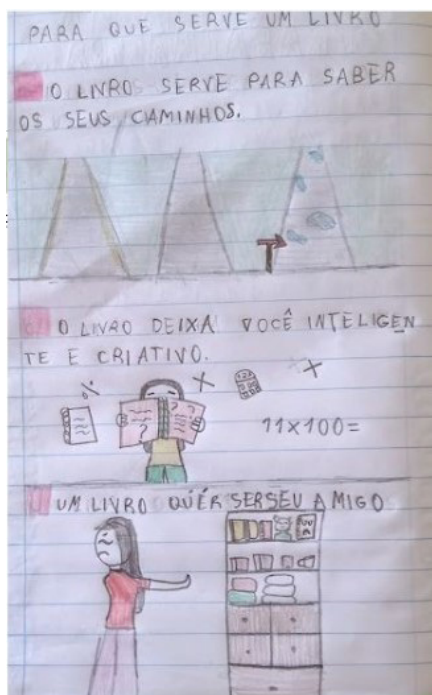


Fonte: SME (2023).

Na segunda etapa, realizamos um levantamento com os estudantes dos livros que eles já leram ou das histórias que ouviram e listamos para pesquisa posterior na biblioteca e nas plataformas digitais para

lermos juntos. Momentos de leitura desses títulos foram agendados na sala de aula e em outros espaços da escola, disponibilizando, pelo menos, dois horários semanais. Dentre os autores sugeridos para leitura, iniciamos com Eva Furnari, Ana Maria Machado e Ricardo Azevedo, pois as crianças já ouviram histórias destes autores neste ano. Disponibilizamos um mural de trocas literárias, em que os estudantes realizaram registros escritos e em forma de desenhos, e onde poderão sugerir leituras para os colegas de títulos que leram ou ouviram a leitura e gostaram.

Figura 81: Relato - “Para quê serve um livro?”



Fonte: SME (2023).

Houve também discussão sobre o que as crianças já sabem sobre a cidade onde vivem e foram pedidos desenhos do que já sabem sobre Curitiba. Realizamos um levantamento através de entrevistas das crianças com os familiares, sobre quais delas nasceram aqui. Com esses dados, construímos um gráfico. Realizamos a leitura do livro “O tesouro de Curitiba”, de Luciane Renata Hauber Valério, que conta a história de Curitiba, seus habitantes e até lendas.

Confeccionamos uma linha de desenhos com fatos e conhecimentos que as crianças foram construindo ao passar desses dias sobre Curitiba: os desenhos iniciais do que já sabiam e o que aprenderam com o livro. Os estudantes também construíram um infográfico, em cartaz, com os primeiros habitantes, povoadores e imigrantes

de Curitiba, incluindo, através de pesquisa nos tablets do Farol do Saber Móvel, informações e contribuições de cada povo e como vieram para cá, inclusive os africanos.

Após essas etapas, realizamos nossa inscrição na ação cultural com o espetáculo “Norman, comedor de livros no memorial”.

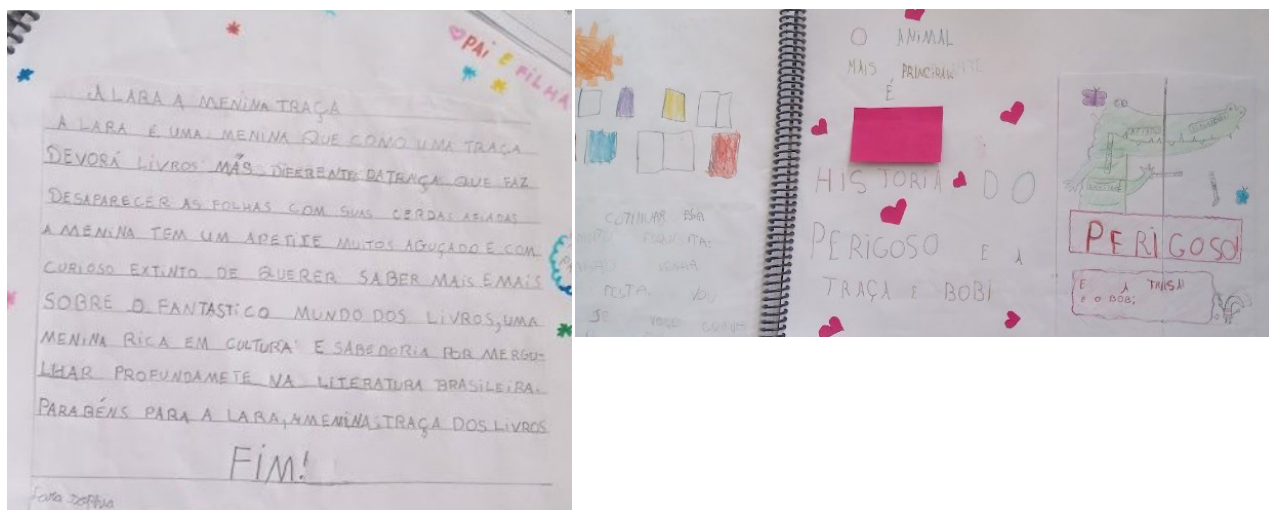
Figura 82: Peça teatral “Norman, o comedor de livros” no Memorial de Curitiba



Fonte: SME (2023).

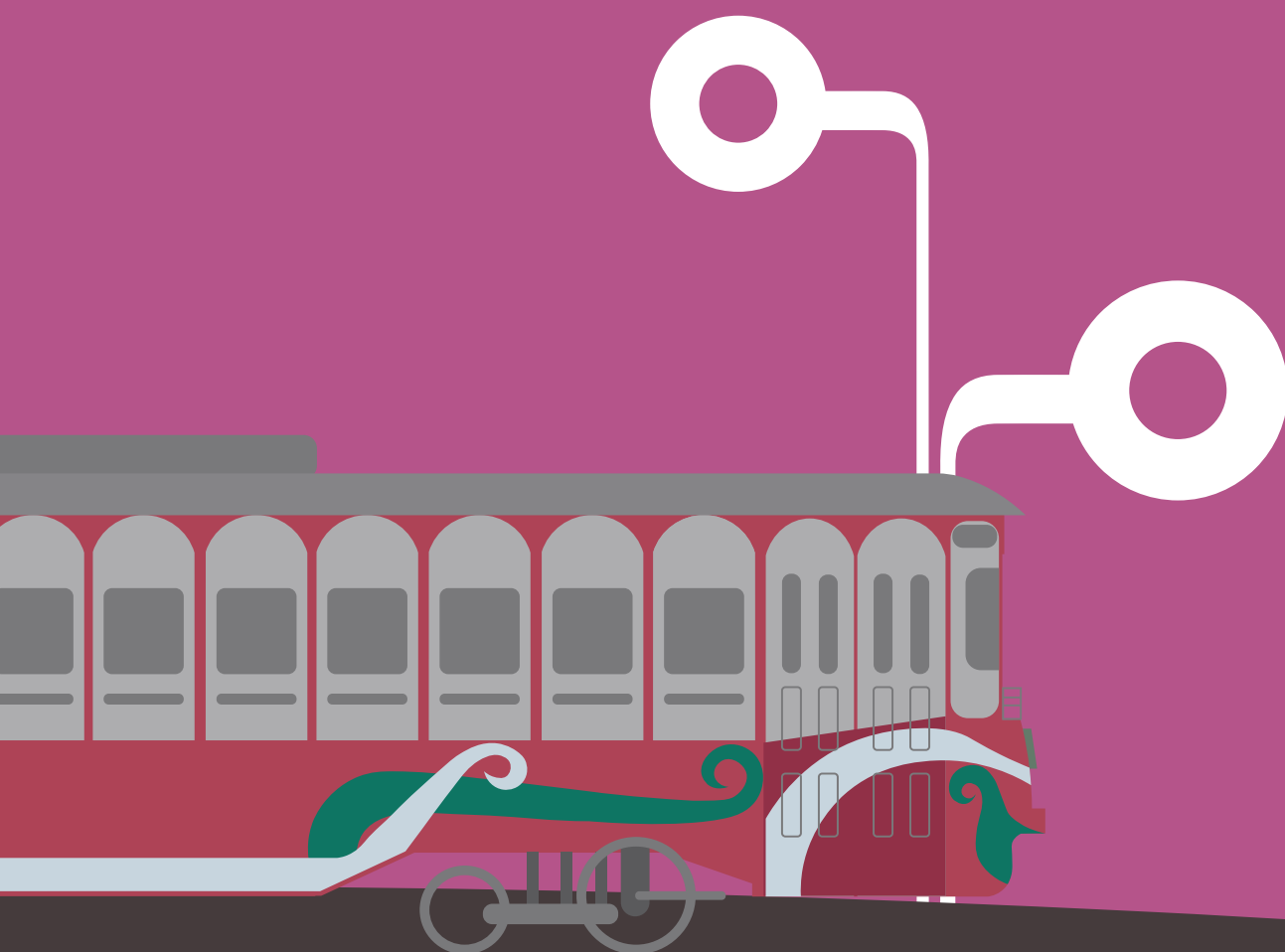
Como continuidade da ação cultural, confeccionamos um livro, de autoria dos estudantes, com o título “Norman, Comedor de Livros na escola Santa Ana Mestra”, em que contamos a história de um inseto que comeu os livros da nossa escola (sobre a História de Curitiba) e o que ele aprendeu sobre a história do nosso povo. Esse livro foi anexado à nossa biblioteca, para empréstimo, após os estudantes o terem apresentado para as famílias e lido para as outras turmas, em momentos agendados.

Figuras 83 e 84: Livros confeccionados pelos estudantes



Fonte: SME (2023).

PROJETO HORTA, POMAR,
COMPOSTAGEM E ABELHAS
NATIVAS: A CONTRIBUIÇÃO
DA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA A ALIMENTAÇÃO
SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL



Projeto horta, pomar, compostagem e abelhas nativas: A contribuição da Educação Infantil para a alimentação saudável e sustentável

Sonia do Rocio Schmitz Florêncio
Priscila das Graças Vasconcelos
CMEI Lucia Demeterco – NRE TQ

O CMEI Lúcia Zanier Demeterco está inserido em uma localidade que possui extensa área verde, com muitas hortas comunitárias no seu entorno, porém com quase 7.000 m de terra, ou seja, a maioria do espaço da instituição, estava ocioso. Recebemos então o convite por meio do Projeto Linhas do Conhecimento para participarmos de formações e instalar horta, pomar e jardins de mel em nossos espaços, contribuindo para a transformação do território, da educação ambiental e da alimentação saudável e sustentável das crianças e famílias de nossa comunidade educativa.

Atualmente, observamos uma grande preocupação por parte da área médica e de saúde em relação ao elevado consumo de alimentos com alto teor de açúcar, corantes químicos, conservantes, gordura e sódio. Esse padrão de consumo tem desencadeado diversos problemas, tais como doenças crônicas, obesidade e um aumento na taxa de mortalidade.

Desta forma, buscou-se, com o desenvolvimento do projeto, analisar as transformações no meio ambiente e na conscientização produzidas na comunidade escolar e no seu entorno por meio da educação em alimentação saudável e sustentável, além de reverberar nas famílias e na comunidade local as boas práticas adquiridas por meio da consciência sustentável na Educação Infantil.

Acreditamos que a Educação Infantil pode contribuir muito para ações transformadoras para preservação do meio ambiente local através do ensino, da conscientização e da concretização de práticas e hábitos saudáveis e sustentáveis na alimentação das crianças e seus familiares.

Partindo desses pressupostos, no ano de 2021, com o Programa Linhas do Conhecimento da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, iniciamos um trabalho de conscientização, de preservação e de uso sustentável do meio ambiente, nos espaços do nosso CMEI, para a produção de alimentos saudáveis em locais antes ociosos, contribuindo também para a transformação desses locais em espaços que ofereçam aprendizagens, bem-estar e qualidade de vida.

No primeiro momento, iniciamos um trabalho de informação e conscientização da importância da preservação do meio ambiente e da produção de alimentos saudáveis e sustentáveis por meio de reuniões e palestras com nossa comunidade educativa.

Logo após, mobilizamos a comunidade, e crianças e famílias participaram da construção de espaços sustentáveis por meio do plantio de árvores nativas e frutíferas, formando nosso pomar. O plantio de mudas de hortaliças em quatro canteiros criou nossa horta, e finalmente a instalação dos Jardins de Mel com uma caixa de abelhas Mandaçaia abrilhantou nossa unidade.

Figura 85: Construção do pomar



Fonte: SME (2023).

No último mês de novembro de 2023, recebemos mais uma caixa de abelhas mandaçaia, uma de abelhas Jataí e uma de abelhas Mirim, totalizando quatro caixas.

Recebemos, por meio da Unidade de Agricultura Urbana da Prefeitura Municipal de Curitiba, formação, orientação e acompanhamento durante todo esse processo de criação e manutenção desses espaços em nosso CMEI.

Depois de concretizada a criação de nossos espaços, desenvolvemos as ações pedagógicas de acordo com o planejamento. Organizamos momentos para plantar e regar mudas de hortaliças, árvores e flores, bem como limpar, adubar a terra e fazer a colheita das verduras, quando necessário. Percebemos que as crianças adoravam esses momentos que eram realizados durante a permanência das turmas de nossa unidade. Também tivemos devolutivas por meio de fotos, vídeos e relatos das famílias que observaram que os pequenos começaram a experimentar e a consumir mais frutas, verduras e legumes nas refeições diárias. Em algumas ocasiões, enviamos hortaliças colhidas para a casa das crianças, onde os pais auxiliaram e registraram todo o processo de preparação e degustação desses alimentos!

Figura 86: Caixas de Abelhas Mandaçaia instalada na unidade



Fonte: SME (2023).

Figura 87: Desenvolvimento das ações da horta com as crianças



Fonte: SME (2023).

O que mais se destacou em nosso olhar durante as práticas pedagógicas, foi a indescritível sensação de pertencimento que observamos na comunidade educativa de nossa unidade. Percebemos que, além da melhora estética de nossos espaços, eles têm oferecido maior qualidade de vida por meio da convivência, das vivências e das aprendizagens que trazem significado para a vida cotidiana. Isso tem contribuído para a conscientização ambiental e para a importância das práticas transformadoras na formação do cidadão crítico e consciente de seu papel fundamental para a conservação do nosso ecossistema, pois cada um de nós é um cidadão do mundo e não apenas de uma localidade, todos habitamos este planeta que chamamos de nossa terra e nosso lar.

A aprendizagem que esses espaços têm oferecido à comunidade educativa tem sido relevante e significativa. Partindo do ponto que

vivemos em uma grande região urbana, onde a maioria das famílias vivem em espaços reduzidos e concretados, onde dificilmente existe uma cultura de cuidado e zelo com a natureza, as crianças no CMEI têm tido a oportunidade de manipular a terra, fazer o plantio, regar e colher diversas hortaliças, temperos e ervas, conhecimentos estes que só seriam adquiridos em áreas rurais e escolas interioranas.

Figuras 88 a 94: Ações de desenvolvimento do projeto



Fonte: SME (2023).

FICHA TÉCNICA

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL

Andressa Woellner Duarte Pereira

PROGRAMA LINHAS DO CONHECIMENTO

Gustavo Leandro de Siqueira Prestini

EQUIPE

Ana Paula Corsini Franco

Alessandra Suga

Cinira Bastos

Diomary das Graças Pinheiro Campestrini

Elaine Nascimento

Fabício Cardozo da Silva

Francielli Gatz

Isis Moratto Romão

Joelma Custódio

Leilane Lazarotto

Mariana Haviaras

Thaís Pereira

ELABORAÇÃO

Cinira Bastos

Francielli Gatz

NÚCLEO DE MÍDIAS EDUCACIONAIS

Haudrey Fernanda Bronner Foltran Cordeiro

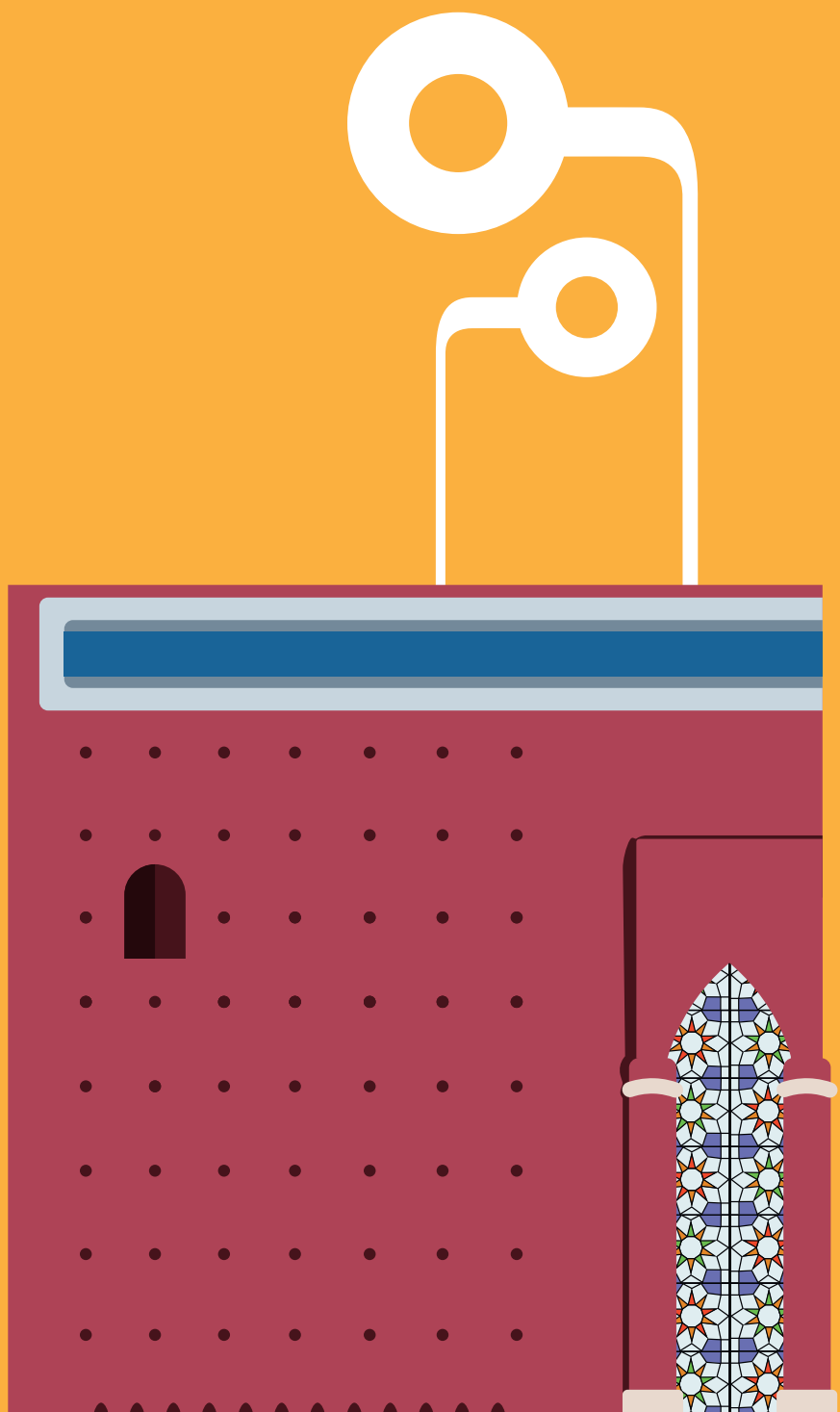
CAPA, LAYOUT E DIAGRAMAÇÃO

Leonardo Marino da Silva

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jared Amalia

Rita Fonseca





CURITIBA



Curitiba
CIDADE
EDUCADORA

*Veredas
Formativas*

